

Notícias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO III — N.ºs 105 e 106 — Domingo, 19 de Junho de 1955

COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Ao iniciar o 3.º ano de publicação, «Notícias do Algarve» sauda cordialmente os camaradas da Imprensa Regionalista, e os seus prezados assinantes, colaboradores e anunciantes.

AVENÇA

UMA DATA © SENTIDO

ESTEJA este número do «Notícias do Algarve» uma data; a do seu aparecimento ao público.

As datas, e só elas, dão verdadeira consistência à vida e à sorte. Uma ideia que se transformou em realidade no dia 14 de Junho, que era um domingo, fica alumiando o próprio acontecimento com uma clareza muito diferente do que sucedeu incertamente no tempo, sem dia e sem data.

Quando em Roma mais confuso se torna o calendário, antes do Almanaque de César, os Cônsules, comandando as Legiões, ganharam batalhas, mas nunca se podia inscrever com exactidão nos Fastos o dia certo das Victórias. E era um deles, o velho Passa ou Caio Metelo, que exclamava uma tarde no Senado: — «Que valem triunfos que não têm data?»

Que valem, na verdade? É a certeza da data que imprime realidade às coisas que, sem essa certeza encarnadora, apenas passadas, se desfariam na diafaneidade e impalpabilidade do tempo.

Todo o nosso viver consiste num rolo de sonhos que se vão desprendendo de nós, fugindo para trás

(CONCLUÍ NA 15.ª PAGINA)

DRAGAGEM

do cais acostável

COMEÇOU, no dia 6, a dragagem do cais acostável do nosso porto, a qual é executada pela Draga «Tavira», da J. A. P. S. A., auxiliada por um rebocador do mesmo organismo e por um batelão da Mina de S. Domingos.

O desassoreamento impunha-se desde há tempo, pois devido à acumulação de detritos junto ao molhe, as atracções de navios de maior calado faziam-se com grande dificuldade, chegando alguns barcos, na vauzante, a ficarem em seco.

Aguarda-se agora o começo da dragagem da barra do Guadiana, obra de grande envergadura, a cargo dos Governos dos dois Países.

À VOLTA DE UM ANIVERSÁRIO

O VERDADEIRO regionalismo

Pelo Eng. J. SILVA CARVALHO

PASSOU mais um ano na vida de «Notícias do Algarve»; mais um ano a dizer-nos que o público tem sabido compensar, com simpatia, direi mesmo com carinho, as conseqüências e responsabilidades daqueles que meteram ombros ao ingrato empreendimento de imprimir um jornal, numa região onde já havia tantos, entre os quais o «Correio do Sul», que bem se pode considerar um dos melhores semanários do País.

Entretanto, em questões de imprensa, uma sábia administração e uma equilibrada direcção podem fazer milagres. E este parece ser o caso de agora. Analisadas

as coisas sobre o aspecto «orientação», está de parabéns o sr. Dias Pena que, rodeado dos mais diversos colaboradores, meteu a lança em África de fazer, a partir deles, um semanário homogêneo de ideias e variado nos assuntos; em suma, um semanário destinado a agradar a uma parte do público, sem contudo ir ferir as sustâncias, entre os quais o «Correio

(CONCLUÍ NA 15.ª PAGINA)



NO MÉDICO: — ...E quando me sinto pior, senhor doutor, é quando respiro. — Está muito bem. O senhor deixa de respirar e volta cá daqui a dois meses para eu o observar outra vez.

DO ULTRAMAR

NA EVOLUÇÃO DA CULTURA PORTUGUESA

Pelo MAJOR MATEUS MORENO

A BENEMÉRITA Sociedade de Geografia de Lisboa, a cuja ilustre Direcção preside hoje uma das mais sólidas afirmações do nosso escol intelectual, já anunciou a sua nova semana

patriótica de propaganda do Ultramar, que este ano será especialmente consagrada à apreciação e divulgação das características políticas da expansão portuguesa.

Oportunas me parecem, pois, algumas considerações sobre o sentido do Ultramar na evolução da nossa cultura, com os quais tento corresponder de algum modo ao gentilíssimo convite que me foi dirigido pelo distinto director do «Notícias do Algarve» para marcar presença, como velho defensor dos interesses locais e ultramarinos da respectiva província, em número festivo do 2.º aniversário de tão prestigioso periódico.

Sejam, porém, de saudação a quantos nele trabalham, as minhas primeiras palavras. Bem hajam!

De Portugal bem se pode dizer que lhe nasceram os olhos no mar. Toda a evolução da sua

(CONTINUA NA 16.ª PAGINA)

ALBERTO LUÍS PEREIRA

O MAIS DILIGENTE AUXILIAR

DO MARQUÊS DE POMBAL

NA FUNDAÇÃO DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Ao sr. Presidente e dignos Vereadores da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, dedica e oferece

M. S. Cabanas

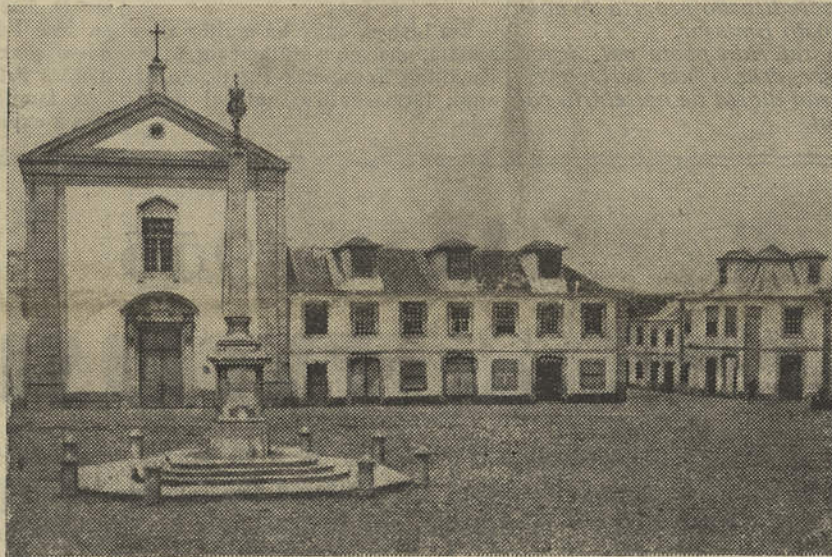
UMA das maiores virtudes que caracterizaram a personalidade do grande Marquês de Pombal era a maravilhosa intuição que possuía, de saber escolher os seus colaboradores e de adivinhar os talentos onde eles se encontravam.

É exemplo vivo disto a escolha que ele fizera de Frei Manuel do Cenáculo, o grande apóstolo da instrução e o seu melhor auxiliar nas reformas dos Estudos.

Pombal avistou-o de longe no convento, onde ele se escondia, na sua humildade de terceiro da Ordem de S. Francisco, sem um nascimento ilustre que o favorecesse para dar entrada na Corte, e fê-lo confessor e preceptor do Príncipe D. José, bela inteligência, que a morte prematura roubou, sem tirar dela a prova real.

Pombal era assim. Frei Manuel do Cenáculo merecia um bispado. Deu-lho. E como o não havia, criou-o, desmembrando o arcebispado de Évora.

Além disso, fez dele presidente da «Junta do Subsídio Literário»,



A antiga Praça Real (hoje Praça Marquês de Pombal), tal como era em 1849, ainda sem pavimentação — nem mácula na sua arquitectura primitiva — e que constitui um curioso documento fotográfico da nossa terra.

presidente da «Providência Literária» e colaborou em todas as reformas dos Estudos pombalinos, onde o sábio prelado, o famoso orientalista, o austero pedagogo e o erudito arqueólogo e bibliófilo, fundador de museus e bibliotecas, bem provou quão feliz tinha sido a escolha que o seu protector e amigo fizera dele.

Para a reedificação de Lisboa, depois do terramoto de 1755, escolheu o engenheiro Manuel da Maia, o arquitecto Eugénio dos Santos e o estatuário Joaquim Machado de Castro. Os dois primeiros, autores dos projectos de toda a Baixa da cidade e da monumental Praça do Comércio, mais conhecida pelo Terreiro do Paço, uma das mais belas praças da Europa; e o último, autor da famosa Estátua Equestre ou Memória de D. José I, sem dúvida a mais notável, no seu género, em Portugal, pelo estilo e primor de execução artística, que tornou para sempre célebre o seu autor.

(CONCLUÍ NA 15.ª PAGINA)

UM EXAME DE PILOTO

QUE DEU ENSEJO

A UM LINDO PASSEIO

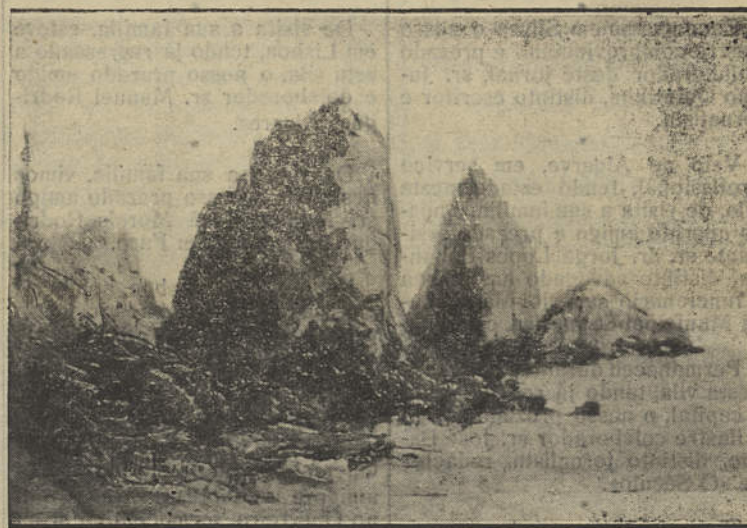
NO GUADIANA

NAS VEDETAS

ESPADILHA E AZEVIA

A PROVEITANDO a circunstância de na segunda-feira se ter realizado o exame do novo piloto da barra e rio Guadiana, sr. Mário Samúdio, efectuou-se um lindo passeio pelo Guadiana. Para o efeito, foram utilizadas as lanchas da fiscalização «Espadilha» e «Azevia» nas quais tomaram lugar os srs. almirante João Fialho, director geral de Marinha; dr. Mascarenhas Gaivão, Governador Civil do distri-

(CONCLUÍ NA 16.ª PAGINA)



Trecho da Costa Algarvia

(Óleo do pintor Lyster Franco)

O ALGARVE

Por GANDIDO MARREGAS

ESTE Algarve exerce sobre mim uma fascinação a que não sei exprimir-me! Sempre que o volto a ver, entenece-me. Talvez seja porque vivo há muitos anos desterrado a 20 léguas do mar, logo que, ao descer a Serra, enxergo ao longe, nalguma quebrada mais funda, a mancha tremeluzente de cêrula frescura, todo o meu ser desperta e apetece-me bradar, como nas antigas peregrinações da Bíblia: «o mar! o mar!»

No Algarve, terra e mar são ideias conjuntas. Tanto o campo recebe da costa uma influência sadia e constante, que em toda essa nesga meridional da terra portuguesa, o mar está presente na amenidade do clima, na frescura do vento e até nos costumes desta gente gazil, ubíqua e palreira.

Basta subir a qualquer

cabeço para o ter no horizonte. As 7 ou 8 léguas, que vão da crista da Serra até à orla do mar, não são suficientes para o esconder dos olhos de quem vive por estes sitios. E o lavrador sabe que é ele que regula a maturação dos frutos e a boa granação dos milhos. O «Ponente» das tardes, e o «Terrenho» das manhãs e das noites, alternam-se neste processo preparatório das colheitas. E apenas o «Levante» é o bafo maléfico que às vezes, em quatro ou cinco dias, deita tudo a perder.

(CONCLUÍ NA 9.ª PAGINA)

CONTAS do meu rosário

Por JOCELYNE PINTO

Quando o homem se recolhe a si próprio, quando se olha retrospectivamente, que descobertas faz, meu Deus! Como se topasse no esconderijo de um velho sótão com os objectos mais remotos e dispersos, ele vê tanto e tão confuso, que só não foge porque não é possível fugir de si mesmo.

Fico a escutar a voz do vento... Interpreto os seus silvos e os seus rugidos e, embora o considere um mau companheiro de jornada, sinto que aquela voz nem sempre é áspera e que através da sua rudeza há um apelo vago mas intenso, um anseio envolvente e carinhoso, que é mais uma prece do que uma imprecação.

Falar, falar, falar de si é principalmente dos outros... Avaliar com inteira justiça as suas atitudes, os seus erros, os seus defeitos... Não notar sequer estes últimos.

Não seríamos seres humanos se o conseguíssemos realizar sempre com exactidão e inteira equidade.

Aparentam, disfarçam e pretendem dar a impressão de que não é. Quantos saltitam neste jogo de esconde-esconde, e se perdem para sempre no abismo da existência.

Tão poucos olham para o passado... Tão poucos se debriçam sobre o futuro... Não têm tempo, dizem.

Nunca se correu tanto para alcançar um fim tão certo e tão próximo.

Dá-lhe a tua mão. Deixa-o pousar a cabeça no teu ombro e fingir que ignora toda a maldade do mundo. Cinco minutos que sejam são o melhor bálsamo para o seu hospital.

(CONCLUÍ NA 16.ª PAGINA)

A TERRA-MÃE e o culto regional

Por JULIÃO QUINTINHA

«A MINHA mãe contou-me que a terra é nossa mãe, e que tudo o que no mundo existe deve a vida a essa mãe e torna, depois, a ela». Estas palavras encontrei numa página do romance «A um Deus desconhecido», de John Steinbeck, talvez o melhor romance do famoso escritor americano, para mim o mais poético dos seus livros, justamente pelo amoroso e silencioso idílio entre a terra e o homem que nele se presente, e simpatia humana que as suas páginas irradiam.

Este apego à terra, no que ela pode valer como condicionamento económico, ou no que exprime como expressão sentimental, sempre o senti e manifestei, muito antes de ler as páginas de Steinbeck ou qualquer outro dos tantos escritores que exaltam o amor do indivíduo pela terra... mesmo quando esta é ruim madrastra, em vez de boa mãe... Mas sempre gostamos de observar que as nossas ideias ou sentimentos são comparticipados por pessoas de autoridade mental.

Na verdade, é agradável e bem

«A TERRA MINHOTA»

Completo 6 anos de publicação de este nosso prezado colega, quinzenário defensor dos interesses de Monção, brilhantemente dirigido pelo sr. João Henrique Alves, a quem, por tão faustosa data, endereçamos cumprimentos de felicitações, extensivos a quantos ligam àquele jornal o seu esforço.

evidente o sentimento afectuoso que prende um indivíduo à terra —aquele bocado de terra que ele, os seus pais e os seus filhos, amanharam e regam com o seu suor, ou onde apenas tiveram o seu pobre berço e lançaram raízes as suas primeiras afeições, e guardarão, para sempre, o eco duma voz fraterna — a voz do sangue. Tão evidente, que até muitos daqueles que na labuta agrícola da terra ou noutras profissões modestas nunca encontraram compensação económica, vivendo toda a exis-

(CONCLUÍ NA 15.ª PAGINA)

HOSPITAL DA MISERICÓRDIA DE TAVIRA

NO passado dia 12, foram inauguradas pelo sr. eng. Mascarenhas Gaivão, ilustre chefe do distrito, as novas instalações do Hospital da Misericórdia de Tavira, que, depois dos melhoramentos de que beneficiou — graças à acção dedicadíssima do respectivo Provedor, sr. comandante Henriques de Brito —, ficou sendo um dos melhores estabelecimentos hospitalares da província.

Agradecemos a gentileza do convite que nos foi enviado.

O sr. ministro das Obras Públicas concedeu à Misericórdia de Tavira, pelo Fundo do Desemprego, a verba de 34.000\$00 destinada à aquisição de mobiliário e equipamento para o seu hospital.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Acompanhado de sua esposa, regressou a Faro, da sua viagem a Espanha, França e Suíça, o sr. dr. Mário Lyster Franco, advogado daquela cidade e ilustre director do nosso estimado colega «Correio do Sul».

Encontra-se em Silves o nosso ilustre comprovinciano e prezado colaborador deste jornal, sr. Julião Quintinha, distinto escritor e jornalista.

Veio ao Algarve, em serviço profissional, tendo estado nesta vila, de visita a sua família, o nosso querido amigo e prezado assinante sr. dr. Jorge Lopes Bonança, distinto advogado em Lisboa e funcionário superior da Câmara Municipal da mesma cidade.

Permaneceu durante alguns dias nesta vila, tendo já retirado para a capital, o nosso prezado amigo e ilustre colaborador sr. José Barão, distinto jornalista, redactor de «O Século».

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila, onde esteve por alguns dias, acompanhado de sua esposa, o nosso estimado amigo e assinante sr. dr. José Isidro Farrajota Rocheta, distinto clínico na capital.

Esteve nesta vila, tendo já retirado para Lisboa, o sr. eng. Francisco Ortigão Gomes Sanches, nosso estimado assinante e amigo.

Deu-nos o prazer da sua visita o distinto artista, nosso amigo e estimado colaborador sr. Manuel dos Santos Cabanas.

Vimos nesta vila o nosso amigo e prezado assinante em Faro, sr. Hugo Celorico Drago.

Esteve nesta vila, de visita a seus pais, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Dante Barbosa Guerreiro, residente em Lisboa.

Com pouca demora, esteve entre nós o nosso prezado amigo sr. Joaquim Moreira Parra, residente em Serpa.

De visita a seus pais, esteve nesta vila o nosso querido amigo e conterrâneo sr. Damião Carrilho Medeiros, residente em Lisboa.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila o nosso prezado amigo sr. Manuel Domingos, concessionário do Hotel Guadiana.

Acompanhado de seus filhos Valentim e Damião Luís, esteve durante alguns dias em Aljustrel o nosso estimado amigo e assinante sr. Manuel Bravo, que já regressou à sua casa da Quinta das Cevadeiras, em Cacela.

Acompanhado de sua filha, esteve nesta vila o sr. Stadhelm, cônsul da Noruega, em Lisboa.

Esteve em Faro, acompanhado de sua esposa, tendo-se deslocado a esta vila, onde tivemos o prazer de cumprimentá-lo, o nosso querido amigo e prezado assinante em Lisboa sr. Francisco Camarada Martin, funcionário superior do Banco Português do Atlântico.

Com sua esposa, vimos nesta vila o sr. António Passos de Lima, nosso estimado assinante em Mértola.

Esteve durante algum tempo nesta vila, com sua esposa e filhinho, o nosso prezado amigo e assinante sr. dr. Humberto Sérgio de Brito Avô, distinto médico na capital.

Visitou a nossa terra o nosso comprovinciano sr. Cabrita Costa, chefe das oficinas da Empresa de Pesca de Aveiro.

Encontra-se em Vila Real de Santo António o nosso ilustre conterrâneo sr. dr. José Ortigão Gomes Sanches, antigo presidente da nossa Câmara Municipal, residente em El Almendro (Espanha).

Com pouca demora, esteve em casa de seus pais o sr. Rogério Viegas Palma, filho do sr. Eteberto V. Palma, nosso prezado assinante nesta vila.

Aproveitando os feriados dos dias 10 e 11, estiveram entre nós, de visita a suas famílias, os nos-

so estimados amigos srs. José Afonso C. Castanheira e José Manuel Pereira.

Da sua viagem de negócios aos Açores, regressou há dias da Ilha da Madeira o nosso prezado amigo e conceituado exportador de Sal, sr. António Rodrigues Rosa.

De visita a sua família, esteve em Lisboa, tendo já regressado a esta vila, o nosso prezado amigo e colaborador sr. Manuel Rodrigues Álvares.

De visita a sua família, vimos nesta vila o nosso prezado amigo sr. Manuel José Morais Rodrigues, residente em Faro.

Regressou de Lisboa, aonde foi em viagem de negócios, o nosso prezado assinante sr. Manuel de Sousa Brito, residente nesta vila.

Em casa de seu irmão, encontra-se a passar algum tempo na capital a sr.ª D. Arminda Barbosa Guerreiro, filha do nosso prezado amigo e assinante sr. Álvaro Magno Guerreiro, farmacêutico nesta vila.

Partiu para o Porto, na passada sexta-feira, a sr.ª D. Celeste Carrilho Ponce Medeiros, esposa do nosso prezado amigo e assinante sr. Santiago Ponce Medeiros.

Encontra-se em Braga o nosso prezado amigo e distinto colaborador sr. engenheiro-agrônomo Acácio Madeira Pinto.

Nascimento

Teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª D. Natália Ruas Tabarra Ribeiro, esposa do nosso conterrâneo sr. Hugo Alves Fernandes Ribeiro, residente em Lisboa.

Casamento

Em Sintra, na igreja de Santa Maria, realizou-se o casamento da nossa conterrânea sr.ª D. Maria Cristina de Brito Ritta, prezada filha do nosso prezado amigo e assinante sr. Joaquim da Palma Ritta, chefe da 2.ª Secção do Tribunal de Sintra, e de sua esposa sr.ª D. Ernestina de Mira Ritta, com o sr. Alberto Russiano Tristany, empregado bancário, filho da sr.ª D. Mariana de Jesus Tristany e do sr. Marcelino Tristany Júnior, já falecido. Os padrinhos da noiva foram seus pais, e do noivo, o sr. eng. auxiliar Francisco de Azevedo Dingle e sua esposa sr.ª D. Pepa Tristany Dingle, também nossa conterrânea.

Na casa dos pais da noiva foi servido um ótimo copo de água. A cerimónia assistiram algumas famílias nossas conterrâneas. Em viagem de núpcias, os noivos passaram alguns dias no Algarve, tendo estado nesta vila, de visita a sua família e pessoas amigas.

Aos noivos, desejamos muitas felicidades.

Doentes

Deu entrada numa Casa de Saúde do Porto o nosso querido amigo e prezado assinante em Chaves, sr. tenente dr. Santiago João Carrilho Medeiros, que se encontra doente com certa gravidade. Fazemos sinceros votos pelas suas rápidas melhoras.

Tem passado incomodada de saúde a nossa ilustre colaboradora sr.ª D. Maria Manuela Nunes, a quem desejamos, sinceramente, um pronto restabelecimento.

Encontra-se incomodado de saúde o nosso amigo e prezado assinante sr. Fernando Silvério Leiria, a quem desejamos rápidas melhoras.

Vida Religiosa

Conforme havíamos anunciado, realizou-se no dia de Santo António a cerimónia da sagração do novo altar-mor da nossa igreja matriz, efectuada pelo Rev.º Prelado coadjutor da Diocese, sr. D. fr. Francisco Rendeiro, que a seguir celebrou missa e ministrou o Crisma. — Para assistir ao Congresso Eucarístico Diocesano, que se realizou em Portimão, deslocou-se àquela cidade, em representação da nossa paróquia, o nosso dedicado pároco, rev. Joaquim Galhardo Palmeira.

A EXTRAORDINÁRIA AFLUÊNCIA DE TURISTAS REGISTRADA NOS ÚLTIMOS DIAS

NOS últimos dias e em consequência da sucessão de feriados, o Algarve registou uma afluência de turistas que não é vulgar nesta época. Vila Real de Santo António viu-se invadida por centenas de passeantes vindos de todos os pontos do País, que deram grande animação à vila. O movimento na fronteira foi também invulgar. Passaram para Espanha alguns autocarros com excursionistas de Lisboa e um de Silves ocupado pelos «Milionários por dois dias», e o número de automóveis que seguiu para o Sul de Espanha, nomeadamente Sevilha, Cádiz e Córdova, foi de cerca de meia centena. Mais de duas centenas de passeantes atravessaram também a fronteira, confessando-se alguns encantados com as belezas da nossa terra e da nossa provincia.

Uma excursão do concelho de Almada, depois de percorrer os arredores de Vila Real, mandou seguir vazio para Mértola o magnífico autocarro em que viajava subindo os excursionistas o rio até àquela vila, num dos barcos a motor da Empresa de Transportes do Rio Guadiana, Lda. A viagem deixou-os encantados, como era de esperar, pois a travessia do Guadiana é um dos mais lindos passeios que conhe-

ceamos. Pena é que até agora pouco ou nada se tenha feito para chamar a atenção dos turistas para este atractivo das belezas de Portugal.

Seria de toda a conveniência propagandear tais belezas e organizar frequentes excursões fluviais como a do dia 12.

Em consequência de não haver ainda um escritório de informação a cargo do Turismo — falta que continuamos a reputar indesculpável numa zona de turismo tão frequentada por nacionais e estrangeiros — muitos dos visitantes procuravam esclarecimentos nos cafés ou junto das pessoas que encontravam na rua. E é assim que se faz o turismo local...

Falecimentos

Francisco Engrácio Ferrinho

Faleceu em Faro, no Hospital da Misericórdia, o sr. Francisco Engrácio Ferrinho, de 88 anos de idade, natural de Estoi, e uma das vítimas do desastre de automóvel ocorrido naquela cidade.

O extinto era pai das sr.ª D. Olímpia Ferrinho Vicente, residente em Lisboa e D. Zulmira Ferrinho de Jesus, chefe da estação dos C. T. T. em Estoi, e dos srs. José e António da Encarnação Ferrinho, proprietários em Buenos-Aires e Francisco da Encarnação Ferrinho, guarda-livros da C. I. A. de Faro, e sogro da sr.ª Dr.ª Juliana Bento Ferrinho, farmacêutica em Estoi, e que durante muito tempo foi Directora Técnica da Farmácia Carmo, nesta vila.

A família enlutada, e especialmente ao nosso prezado amigo sr. Francisco da Encarnação Ferrinho e sua esposa, apresentamos a expressão sincera dos nossos sentimentos pêsames.

Martinho Fernandes Piloto

Em Lisboa, onde há muitos anos residia, morreu súbitamente o sr. Martinho Fernandes Piloto, de 61 anos, farmacêutico, natural desta vila.

REFEITÓRIO DE INDIGENTES

Refeições distribuídas durante o mês de Maio, findo:

A pobres de Monte Gordo 3.100
A pobres desta vila . . . 2.170
Total . . . 5.270

Leite fornecido a doentes pobres, litros . . . 155

Importe das 5.270 refeições (não incluindo o leite, que foi oferecido ao Refeitório, Esc. . . 10.497\$00

Esmolas em dinheiro aos indigentes. . . 875\$00

Total dispendido . . . 11.372\$00

Continua o Refeitório de Indigentes a desenvolver a sua actividade no sentido de reprimir a mendicância nas ruas da nossa terra. Não falta, para isso, boa vontade aos seus dirigentes, e os números apresentados mostram bem a importância da assistência prestada aos necessitados do nosso concelho, no segundo mês de execução do seu plano.

Continuamos, porém, a afirmar que a solução do problema só poderá ser possível na medida em que cada um de nós (habitantes da nossa terra) quisermos, evitando a esmola à porta e nas ruas e contribuindo para o Refeitório de Indigentes.

Se todos assim compreendermos, e desde que todos colaborarmos com a Junta de Freguesia — não esquecendo as autoridades policiais — poderemos ufanar-nos de ter atingido plenamente o objectivo em vista.

O extinto era casado com a sr.ª D. Eugénia Cabral Piloto, pai de D. Maria Eugénia Cabral Piloto e do sr. João Cabral Piloto, irmão da sr.ª D. Maria Fernandes Piloto e do sr. José Fernandes Piloto, e tio do nosso prezado amigo sr. João Fernandes Piloto. A família enlutada, apresentamos a expressão do nosso pesar.

AGENDA

MOVIMENTO DA BOIA de Vila Real de Santo António De 4 a 17 de Junho:

TRAINEIRAS

Brisa	287.569\$00
Raulito	214.530\$00
Janita	179.360\$00
Pérola do Guadiana	155.465\$00
Norte	150.730\$00
Liberta	134.085\$00
Flor do Guadiana	116.355\$00
Carmela	93.500\$00
Deolinda Rita	60.170\$00
Leste	49.210\$00
Tufão	37.370\$00
Infante	27.800\$00
Maria Rosa	23.275\$00
Levante	22.205\$00
Agadão	22.005\$00
Triunfante	16.050\$00
Flor do Sul	13.120\$00
Batinha	10.315\$00
Briosa	10.075\$00
Total	1.623.189\$00

CERCOS

Amazona	138.685\$00
Cruzeiro	56.9.050\$00
Total	195.675\$00

Atum da costa Algarvia

1.149 Atuns	1.466.050\$40
426 Atuarros	341.533\$50
72 Albacoras	33.683\$30
4 Cachorretas	680\$00
Total	1.841.947\$20

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 4 a 17 de Junho:

Entrados:

L'ORQUE, Marrocos Francês, de 72 ton., de Port Lyautey, com atum fresco.

JAIME PEREZ, Espanhol, de 59 ton., de Tãnger, com atum fresco.

COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio.

PERO DE ALENQUER, Português, de 2.593 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.

L'ESPADON, Marrocos Francês, de 52 ton., de Port Lyautey, com atum fresco.

MARIAECK, Alemão, de 1.294 ton., de Antuérpia, com folha de flandres.

MARIAECK, Alemão, de 1.294 ton., de La Laja, com pirites em trânsito.

L'ESPADON, Marrocos Francês, de 52 ton., de Port Lyautey, com atum fresco.

MARQUEZ DE LA VIESCA, Espanhol, de 110 ton., de Port Lyautey, com atum fresco.

ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.

L'ORQUE, Marrocos Francês, de 72 ton., de Port Lyautey, com atum fresco.

ARBEDO, Suíço, de 996 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.

GORGULHO, Português, de 1.196 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.

COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio.

JAIME PEREZ, Espanhol, de 59 ton., de Tãnger, com atum fresco.

ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.

Saídos:

SÃO MACÁRIO e ZÉ MANEL, Portugueses, com minério, para Lisboa.

SEAMEW, Inglês, com alfarroba, para Avonmouth.

L'ORQUE, Marrocos Francês, vazio, para Port Lyautey.

JAIME PEREZ, Espanhol, vazio, para Tãnger.

L'ESPADON, Marrocos Francês, vazio, para Port Lyautey.

MARIAECK, Alemão, vazio, para La Laje.

MARIAECK, Alemão, com conservas, guano e óleo de bagaço, para Hamburgo, e cortiça para Checoslováquia, Paquistão e Hamburgo.

L'ESPADON, MARQUEZ DE LA VIESCA e L'ORQUE, vazios, para Port Lyautey.

ARBEDO, Suíço, com conservas para Génova, Haifa, Lagos (Nigéria), Accra e Líbano, e cortiça, para Marselha.

ZÉ MANEL, Português, com minério e enxofre, para Lisboa.

GORGULHO, Português, com sal, para o Funchal.

COSTEIRO, Português, com minério, para Lisboa.

JAIME PEREZ, Espanhol, vazio, para Tãnger.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 18 a 24 de Junho, a Farmácia CARMO, Rua São João de Brito - Telefone 31.

POSTO EMISSOR regional do Sul

Dentro de breves dias, o Posto Emissor Regional do Sul vai entrar num período de grande actividade para o Algarve.

Desde a sua fundação, apenas se limitava quase exclusivamente a retransmitir os programas de Lisboa.

Esta falta, que há muito se criticava, vem agora desaparecer com uma maior actividade de radiodifusão própria do nosso Posto Emissor.

No referido posto vai, desde já, ser criado um serviço de emissão diária de noticiário regional.



1930-1955

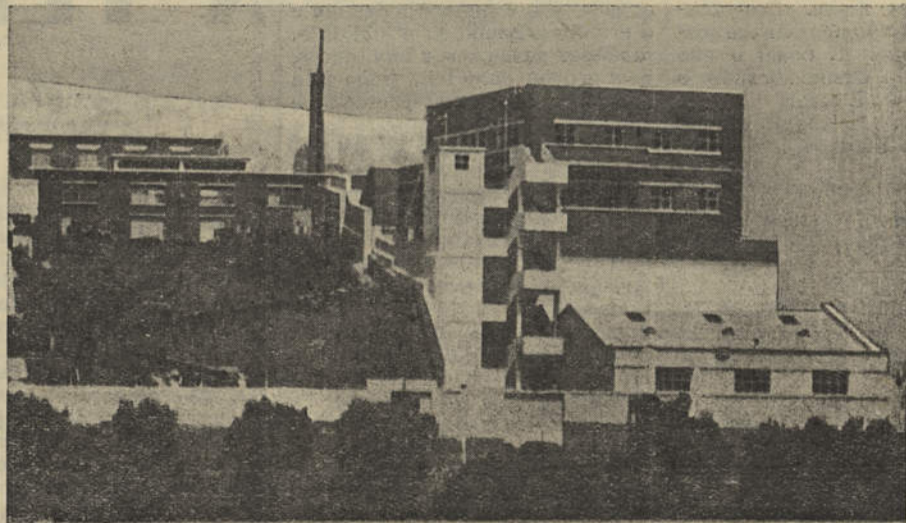
TINTAS «EXCELSIOR»

A moderna técnica e o desejo de bem servir, levaram-nos a reapetrechar a nossa indústria com novas instalações e maquinismos dos mais perfeitos, a inaugurar em breve, na T. do GIESTAL, 14.

Após 25 anos de trabalho profícuo, as

TINTAS «EXCELSIOR»

continuarão a servir, cada vez melhor, a sua enorme clientela constituída por armadores de navios de pesca e comércio, construtores, empresas fabris e organismos oficiais.



Se tiver qualquer dificuldade na resolução de um problema de pintura consulte a Fábrica de Tintas «EXCELSIOR», que, gostosamente, colaborará na respectiva solução.

TINTAS PARA NAVIOS, CONSTRUÇÃO CIVIL, USOS INDUSTRIAIS
ESMALTES SINTÉTICOS E OLEOSOS
VERNIZES-NAFTENATOS SECANTES E IMPREGNANTES DE MADEIRA
TINTAS AQUOSAS PLÁSTICAS «EXCELSÁGUA»

J. A. Honrado & Callado, Lda.

Rua de D. João de Castro, 30 — (ao Rio Seco) Telef. 637106

LISBOA



CASA TRINDADE

Viuva de José da Trindade Coelho

Malhas - Novidades - Fazendas - Sedas - Algodões - Etamines - Panos Brancos
Colchas - Gabardines - Retrozeiro CALÇADO Camisas e Gravatas «ATCA»
Telefone 8 Vila Real de Santo António

Agente exclusivos dos
Chapéus PALMARES
E
Calçado NILO

FOMENTO COMERCIAL DE PAPELARIA, L.^{DA}
PAPÉIS

Rua Filipe Folque, 7-2.^o-D.

End. Teleg.: FOPAPEL Telef.: 55865

LISBOA

HOTEL GUADIANA
— TELEFONE 154 —
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



O MELHOR HOTEL DO SUL DO PAÍS
INSTALAÇÕES MODERNAS ESMERADO SERVIÇO DE MESA
QUARTOS SIMPLES E COM BANHO
Recebe comensais a preços bastante convidativos
Preços especiais para BANQUETES e CASAMENTOS

EMPRESA REVENDEDORA DO SUL, L.^{DA}

Armazém de mercearia, cereais e legumes
TORREFACÇÃO E MONTAGEM ELECTRO-MECHANICA DE CAFÉS

Cafés DELÍCIA

Rua Vasco da Gama, 45-47 Telefone 252

OLHÃO (Portugal)

ESTABELECIMENTOS
IMPÉRIO

PARA BEM SERVIR

Fazendas, Calçado e Mercearia	Telefone 165
Mercearias, Tabacos, Combustíveis, Lubrificantes, Cervejas e Águas Minerais	Telefone 45
Pastelaria Império	Telefone 186
Instalações de Gasóleo (Cais)	Telefone 120

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

R. Durão Rodrigues & F.^{os}, L.^{da}

ARMAZÉM DE PAPELARIA

Fábrica de Envelopes e Cartonagem

CAIXAS DE CARTÃO CANELADO (Sistema Americano)

375, R. António Carneiro, 381 Telefone 51319

PORTO

António Vasques Gonçalves

DESPACHANTE OFICIAL

Telefone 2.31.55 Alfândega — LISBOA

A-propósito dum aniversário
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES
SOBRE O JORNALISMO ACTUAL

NO aniversário dum jornal, não nos parece deslocado falarmos um pouco de jornalismo. E será na qualidade de espectador, já que outra não reclamamos, que nos permitimos fazer algumas considerações sobre um problema que todos consideramos importante. Nunca, não por uma razão de modéstia, mas por um caso de consciência, me reputei jornalista, embora a minha eventual e fortuita colaboração em periódicos provincianos atingisse, por vezes, um ritmo de produção considerável. E se assim falo, é que ainda há muita gente por este mundo que aprecia estas coisas de cultura como se tratassem de artigos de mercearia, servindo-se da balança e do metro para avaliarem o valor da especulação intelectual.

Outros, desconhecendo o mar de sarçaços em que se debate a vida do jornalista, acham de muito bom tom reivindicarem um título que se lhes afigura possuir auréola, um certo fastígio, e possivelmente, fonte de prebendas, ou pelo menos, alimento de vaidadezinhas despertadas em vidas frustradas. E como a vida é de aparências e o mundo se tornou um largo salão de gestos teatrais e de mimicas, há toda a conveniência em ensaiar atitudes, vestir fatos que não nos assentam no corpo, enfarpelar casacas, a fim de passarmos por uns palhaços muito sérios, muito circunspectos, mas que não evitam o ridículo e o grotesco. Isto de o indivíduo se proclamar ou se considerar orientador da opinião pública é razão bastante para levar cada um de nós a adular esta ou aquela posição que nos sirva para lançarmos um pontão sobre o rio da história; ou, pelo menos, criar à nossa volta o mito de que estamos a influir decisivamente para a construção do mundo. Eu sou dos que não negam a influência do indivíduo na sociedade, embora esteja convencido de que o «nariz de Cleópatra» e os olhos azuis ou castanhos de qualquer soberano tiveram um papel mínimo na evolução e desenvolvimento da humanidade. Revelo-me, sim, contra todo um feiticismo erguido em dogma, que pretende de cada pobre diabo fazer o centro do mundo. E o nosso tempo, como aliás no decorrer de toda a história, mostra-nos que a vida foi feita mais para os Sanchos do que para os Quixotes.

Falar do jornalismo actual sem ter em devida conta as condições em que se desenvolve, as forças que o impulsionam e comandam, as influências que o dirigem, é escamotear um problema, que se apresenta muito diferente do que era há cinquenta ou cem anos. Num clima social e económico em que toda a actividade produtiva do homem tende para a concentração em sociedades anónimas, o jornalista actual acusa também esse anonimato — surge como produto característico, trabalho e orientação de portentosas agências, que informam e modelam a opinião pública como lhes apraz e convém. E assim, os grandes influenciadores da opinião pública são a extensa rede dos «trusts» da grande imprensa, as colossais agências que espalham por to-

dos os jornais do mundo as suas notícias, os grandes rotativos dominados pelos Astor e Beaverbrook. A manutenção dum grande diário como o inglês «The Times» exige importâncias astronómicas que dificilmente se compadeçam com idealismos de qualquer espécie.

Um escritor inglês contemporâneo escreve, muito a-propósito: *Possuir e administrar um grande diário é privilégio dos endinheirados; os que pagam a orquestra escolhem a música, e custa uma grande fortuna o funcionamento de um jornal moderno.*

E salvas as devidas proporções, todos os jornais da chamada grande imprensa enfermam de profundos males, confinam-se quase sempre ao papel de órgãos informativos que raramente curam dos interesses dos povos ou dos seus países, para defenderem posições que nem sempre estão de acordo com o interesse colectivo ou nacional. Compulsem-se as páginas dum grande jornal moderno, dum desses grandes rotativos cuja tiragem excede, por vezes, milhões de exemplares.

Veja-se a importância que merecem os problemas sociológicos e económicos, artísticos e científicos, em relação com as páginas de publicidade comercial, as crónicas de escândalo, os artigos sensacionais, toda uma farandola que serve exclusivamente para embrutecer ou alimentar futilidades no espírito do leitor, e ter-se-á a verdadeira medida da deformação da imprensa contemporânea. O jornalismo tornou-se assim uma colossal organização meramente burocrata, «standardizada», onde se não exige talento, nem independência, nem cultura.

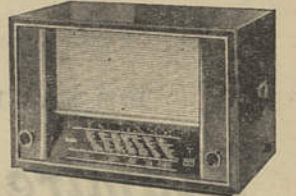
Em Portugal, que eu saiba, não existe qualquer escola de formação jornalística, nem qualquer curso preparatório que habilite a exercer funções na imprensa. E nada disso talvez seja necessário. As colocações ainda obedecem ao velho sistema de empenhos, e há por aí muitos falhados que esperitam a oportunidade para amesendarem-se na vida, embora isto de jornalismo ande por aí pelas ruas da amargura.

Qualquer pessoa de bom senso pensa que a acção de ensinar, educar, implica necessariamente que o indivíduo apto a exercer tal função seja instruído e educado. Ao jornalista que contacta permanentemente com o público, cuja missão é ensinar, esclarecer, não se lhe pedem responsabilidades; «meia bola e força» e tudo corre no melhor dos mundos de que nos falava Voltaire.

Nós também já tivemos o nosso período áureo de jornalismo. Jornalismo truculento e arruaceiro, a transpirar bordoadas e cacete, como o introduziu nos nossos costumes o fundibulário José Agostinho de Macedo, também o tivemos, mas confessamos que não suspiramos pela ressurreição de tais hábitos. Mas devemos reconhecer que ao menos nesse jornalismo tumultuava a paixão, havia sangue na guelra, nervos a rodos, coisas que hoje se baniram completamente.

(CONCLUI NA 7.^a PAGINA)

Por N. RODRIGUES PENA



Precisa de reparar o seu Rádio? Não hesite... Confie-o a

SÉRGIO PERES

Diplomado com o curso de **Rádio Maymo de Madrid**

Rapidez e Economia

R. Cons. Frederico Ramirez, 31
Vila Real de Santo António

Telefone: 33 Teleg.: VIUCAPA
APARTADO 5

Viúva de José Joaquim Capa & Filhos

Casa de Cambios e Agentes Bancários e de Seguros

Depositários da Companhia Portuguesa de Tabacos e de Fósforos

Depósito das Conservas CAPA

Cimentos, adubos químicos, solas e cabedais

Armazenistas de **Mercearias e Azeite**

Estabelecimento de **Mercearias e Fazendas por atacado e a retalho**

Vila Real de Santo António



PORTO
RAINHA SANTA

ATÉ OS ANJOS BEBEM!...

RODRIGUES PINHO & C.^a

Vila Nova de Gaia

ANTÓNIO JOÃO KORTA

Estabelecimento de

MERCEARIAS
LOUÇAS
VIDROS

Mercado 1.^o de Maio, 38

Vila Real de Santo António

Pastelaria CONFIANÇA

BOLOS REGIONAIS
BOLOS DE NOIVA
BOLOS DE ANIVERSÁRIO

Executa grandes e pequenas encomendas para

CASAMENTOS
ANIVERSÁRIOS
BANQUETES

Avenida da República, 48

Vila Real de Santo António

PADARIA

Arrenda-se, trespassa-se ou vende-se, na Rua Vasco da Gama, n.^o 33, com casa de habitação e um grande quintalão.

Tratar com António Francisco Mateus, Apartado 23 — Vila Real de Santo António.



Não se irrite...

CONFIE OS SEUS **IMPRESSOS** E **CARIMBOS**

ÀS OFICINAS DA

Tipografia Socorro

APARTADO 8

TELEFONE 59

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ESTABELECIMENTOS LITOGRAFICOS

Ramirez, Perez, Cumbreira & C.^a

CASA FUNDADA EM 1890

SEDE:

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

SUCURSAIS:

OLHÃO E PORTIMÃO
AYAMONTE (Espanha)

ESTAMPAGEM SOBRE FOLHA DE FLANDRES

Fabricação de: Chaves, Pregos e Grelhas para Sardinhas

LATAS

Construção de latas para conser-
vas de peixe em azeite e salmoura
e para quaisquer outros produtos

NITRATO DO CHILE NATURAL

(NÃO CONFUNDIR COM O SINTÉTICO)

Adubos mistos, Cloreto de Potássio, Nitro-Amo-
niacal, Sulfato de Amónio e Superfosfatos

SULFATO DE COBRE E ENXOFRE C. U. F.

Aos menores preços e com grandes facilidades de pagamento:

Guerreiro, Cabrita & Guerreiro, L.^{da}

S. BARTOLOMEU DE MESSINES

(CASA FUNDADA EM 1913)

Telefone: 5

Telegramas: GUERREIROS

EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO, L.^{DA}

AVEIRO-PORTUGAL

Pesca do Bacalhau por Arrasto e Instalações de Secagem e
Conservação de Bacalhau na Gafanha da Nazaré - Aveiro

Produtores de Óleo de Fígado de Bacalhau, Tipo Medicinal

PESCA DO ATUM

PESCA DA SARDINHA

PESCA DO ARRASTO

Frotas de Arrastões de Bacalhau:

"SANTA JOANA", "SANTA PRINCESA", "SANTA MAFALDA",
"SANTO ANDRÉ" e "SÃO GONÇALINHO"

Frotas de Atuneiros: "RIO VOUGA" e "RIO ÁGUEDA"

Frota de Arrastões do Alto: "RIO CAIMA"

Frota da Sardinha: Traineira "JEREMIAS"

BAGÃO, NUNES & DUTSCHMANN, L.^{DA}

AGENTES DE NAVEGAÇÃO



com carreiras regulares de Lisboa, Leixões e Algarve para os por-
tos do Mediterrâneo, Levante, Norte de África e Norte da América

Praça do Município N.º 32-2.º Esq.

Telefones n.º 27.689 e 30.700

Telegramas: DUNES

LISBOA

Empresa Industrial de Tintas, L.^{da}

Rua da Cascalheira, 33 — (ALCANTARA) — LISBOA Telefone 3 8008

Fábrica Portuguesa de tintas de impressão tipo-
-Litográficas, vernizes e massas para rolos

Assistência Técnica e matérias primas, da
importante fábrica escocesa da especialidade

A. B. FLEMING & C.^o, LTD.

Edinburgh — SCOTLAND

FUNDADA EM 1852

ALBERTO LUÍS PEREIRA E A FUNDAÇÃO

DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Com a escolha do dr. Alberto Luís Pereira, para superintendente nas obras de reedificação da Vila de Santo António de Arenilha, aconteceu facto idêntico.

Por Alvará de 15 de Janeiro de 1775, foi criada a Companhia Geral das Reais Pescarias do Algarve, e desde logo se espalhou por todo o País a notícia das intenções do Marquês de reedificar a Vila de Santo António de Arenilha, destruída pelos terramotos de 1719 e 1722.

E' claro que não faltou quem tomasse as intenções do grande ministro como uma manifestação de vaidade, no intuito de desluzir o País com a sua omnipotência.

Porém, o maior número e as pessoas melhor intencionadas reconheceram, desde logo, a conveniência da projectada reedificação e compreenderam que a inteligente visão do Marquês tinha como principal objectivo a fundação de um grande centro industrial, que seria a garantia do futuro económico do Algarve e, ao mesmo tempo, uma «sentinela vigilante» dos interesses nacionais contra as ambições e abusos que vinham sendo praticados pelos nossos vizinhos espanhóis.

Cacela, Castro Marim e Monte Gordo perturbaram-se com a notícia, e viram desde logo a projecção da nova Vila, a ameaçar-lhes os seus interesses e prerogativas seculares.

Deram então as mãos, e fizeram coro nos seus queixumes. Todos unidos, os habitantes das três localidades, embora com objectivos diferentes, ergueram-se em opposição à fundação da nova vila. Mas foi tudo inútil.

O grande ministro ouviu serenamente os protestos e clamores de todos, mas persistiu na execução do plano que a sua inteligência concebeu e a sua vontade havia de realizar.

E de facto, pouco tardou que não fossem confirmados aqueles boatos.

Em Carta Régia de 30 de Dezembro daquele mesmo ano (1775), era ordenada a reedificação da Vila de Santo António de Arenilha, e nomeado para dirigir superiormente as obras do seu levantamento o governador das Armas do Algarve, capitão-general D. José Francisco da Costa de Sousa e Albuquerque, 2.º visconde de Mesquitela e armador-mór do Reino, e designados para seus colaboradores e auxiliares o superintendente geral das Alfândegas do Sul, dr. Gil Tojo Borja e Quinhões, e o dr. Alberto Luís Pereira, inspector da Companhia Geral das Reais Pescarias do Algarve, há pouco fundada.

Com a referida Carta Régia, havia sido recebida, também, pelo governador das Armas do Algarve, a planta geral da nova vila e os respectivos alçados.

O projecto, da autoria do architecto da Corte, Reinaldo Manuel dos Santos, constava de seis ruas de Norte-Sul, e de outras seis de Leste-Oeste, todas com a largura de 40 palmos, (8,80 metros), e três praças, uma grande ao centro e duas mais pequenas nos extremos Norte-Sul, delimitadas, no seu traçado rectilíneo, à semelhança da Baixa de Lisboa, levantada depois do terramoto de 1755.

O marquês já tinha dado instruções para ser escolhido o local, com a recomendação de que o «sítio eleito fosse alto e seguro», e a 100 palmos (22 metros) de distância da linha de água do rio Guadiana, como se indicava na planta.

Iam, pois, ser iniciadas as obras de construção da nova vila.

Alberto Luís encontrava-se, a este tempo, ainda em Lisboa, onde residia e onde se achava instalada a sede da Companhia que representava.

Prestes a partir para o Algarve, recebia as últimas instruções do Marquês, em carta de 27 de Janeiro de 1774:

«Sr. Alberto Luiz Pereira — Havendo El-Rey Meu Senhor mandado fundar de novo a Villa de Santo António de Arenilha: Tendo-se encarregado a V. M.cê a execução dos Projectos que lhe tenho participado: Fazendo-se preciso levantar-se a Alfandega na forma da Planta, que com esta remetto a V. M.cê por mim assignada: Ordena Sua Magestade que V. M.cê faça logo edificar a dita Obra pelos meyoos, e firma que lhe parecer mais util, e commodo, em termos que não seja excessiva; esperando que V. M.cê o execute com o zelo e actividade, que se espera do seu cuidado.

Para a referida despeza assistirá com o dinheiro necessário a Direcção da Companhia das Reais

Pescarias do Algarve, a quem V. M.cê remeterá as Folhas na conformidade das que se costumam lavar nas Obras públicas de Lisboa; e procedendo debaixo das Ordens do Governador das Armas do Algarve e de acordo com o Superintendente Geral das Alfândegas.

Deos guarde a V. M.cê. Paço, em 27 de Janeiro de 1774 — Marquês de Pombal.»

Efectivamente, Alberto Luís Pereira chegava ao sítio de Santo António de Arenilha, onde ia ser levantada a nossa Vila, no dia 28 de Fevereiro de 1774, para se desempenhar da missão que pessoalmente lhe fora confiada pelo grande estadista.

Foi por tal forma inteligente e acertada a escolha que o Marquês fizera deste homem, que bem se pode considerar ter sido Alberto Luís Pereira o verdadeiro architecto de Vila Real de Santo António.

Tudo previa e a tudo assistia este homem extraordinário.

Além da construção do edificio da Alfândega e dos outros edificios construídos a cargo da Companhia Geral das Reais Pescarias do Algarve, dirigia ainda a construção das seguintes obras: dos Quartéis (no sítio onde hoje se encontra o mercado municipal); do Corpo da Guarda (onde hoje se encontra instalada a Caixa Geral dos Depósitos); da fábrica do Assento (2.º); dos fornos públicos, chamados «Fornos de El-Rei»; da abertura e empedramento das fontes públicas; terraplanagens de toda a área da Vila; de toda a igreja, excepto a capela-mór, a cargo do superintendente das Alfândegas; a parte do grande edificio da Câmara, voltada para a rua da Princesa, constituída por umas arcadas semelhantes às da Praça do Comércio, em Lisboa, com um largo em frente, destinado ao Mercado Público, e onde ficavam instaladas as prisões e os celeiros do Concelho; a construção de uma frota de pesca constituída por 48 barcas novas para lançar redes; 48 enviadas para conduzir peixe para a lota; 48 caiques, muitos deles de coberta, destinados, uns à pesca do alto mar, e outros ao transporte do

peixe para os diversos portos da costa, nos quais trabalhavam, além dos homens do governo, mais de mil e quinhentosromeiros; promoveu o equipamento de redes e apetrechos desta frota e organizou as respectivas companhias, requisitando, por se ver embaraços para recrutar pessoal, numerosas colónias de ilhavenses para essas tripulações e todas as actividades derivadas da pesca.

Percorria, diariamente, todas as obras em construção, desenvolvendo uma actividade prodigiosa, no sentido de convencer os edificantes a construírem os prédios de que haviam sido incumbidos, o mais rapidamente possível; simultaneamente, procurava submeter à obediência muitos daqueles que se negavam a aceitar as plantas enviadas e rubricadas pelo Marquês, e que alegavam falta

de meios, fazendo-lhes ver a conveniência de acatarem as ordens recebidas, construindo os prédios que lhes eram designados pelos prospectos no seu próprio interesse e no do real serviço de Sua Magestade; cuidava ainda da disciplina e do abastecimento de víveres dos milhares de trabalhadores e militares, que se empregavam nos trabalhos de terraplanagens e nas obras da Vila, vindos de todas as partes do Algarve e de todo o País.

Previo tudo o zeloso executor das vontades do Marquês, até propriamente a resolução de muitos problemas de interesse vital para o desenvolvimento da nascente Vila, à margem da execução das obras.

Assim, lembrava ele ao Marquês a necessidade de se abrir uma estrada de Beja a Mértola, e uma outra de Mértola a Vila Real de Santo António, que estabelecesse a ligação do Alentejo com o Algarve; solicitava, ao mesmo tempo, úteis providências quanto à valorização das terras incultas e salgadas do sítio da Moita, Castro Marim, Vila Real de Santo António e de Cacela, de cujo aproveitamento adviria um considerável aumento de produção, que, no dizer do próprio Alberto Luís, «poderia fazer-se a sua exportação para o barlavento algarvio e até para a Capital do Reino.» Ele próprio, — se para tanto fosse autorizado — daria aos proprietários as necessárias indicações para o aproveitamento e cultura das terras, e apontava ao Marquês as vantagens que resultariam para o Algarve, «se o Comércio das pescarias dele e dos seus magníficos frutos se não limitassem somente aos negociantes da provincia do Minho, mas antes fossem extensivos às costas de África e do Mediterrâneo e às Companhias do Gram-Pará.»

Propôs ao governador das Armas do Algarve a sementeira de um pinhal entre as duas lagoas, isto é, entre Aldeia Nova e o sítio da Alagôa, em virtude dos pinhais, que existiam na região da nova Vila, se encontrarem dizimados, por deles terem saído as madeiras para as obras e para a construção da frota de pesca e de transportes. Esta sementeira foi por ele ordenada, e feita pela Câmara, sendo a metade do lado da Vila, de pinheiros bravos, e a outra, do lado de Cacela, de pinheiros mansos. Este pinhal pertence hoje à família Celorico Drago.

Pediu providências para que a nova vila fosse dado foral, tombo, autonomia administrativa, para que as suas vereações pudessem traçar a sua economia, ter os fundos necessários para o seu policiamento, para manter as obras públicas e um complexo imenso de outras coisas de que necessitava; pediu para que fosse estabelecido o serviço do correio para as «Vilas sobre o Guadiana», para as quais, desde Beja, seguia a «Mala-Posta», pagando-se um vintém por carta; promoveu as instalações dos serviços públicos da nova vila, tais como serviços municipais, alfandegários e judi-

ciários; mandou abrir novos poços públicos, fora do âmbito da Vila, protegidos a certa distância por um círculo de alvenaria, para evitar as infiltrações, devido à constituição arenosa do terreno, em virtude das águas das fontes públicas, que a princípio eram excelentes, se terem tornado incapazes, por motivo das infiltrações de salmoura e águas de peixe; dirigiu as terraplanagens, nivelamento e, bem assim, o calcetamento de todas as ruas da Vila, trabalhos que eram pagos pelos edificantes, na parte que correspondia aos seus prédios; mandou construir o cemitério, reduzindo as suas proporções primitivas, por ser muito grande, e transferiu-o do lado Sul da Vila, onde vinha indicado na planta, para o lado Norte, nas proximidades do rio Carrasqueira; defendeu junto do Marquês, com grande soma de pormenores, a publicação da «Lei agrária ou da agricultura», que veio a ser publicada, e que tantos e tantos benefícios trouxe ao País, e em especial para as provincias do Alentejo e do Algarve; lutou enérgicamente para que a Vila fosse servida por canais navegáveis, à semelhança de Veneza e Amsterdão, fazendo-se a entrada das águas para esses canais por uma vala, que sairia do rio Carrasqueira. E, se não o conseguiu, foi devido à traição do sargento-mor do Regimento de Infantaria n.º 14, aquartelado então em Tavira, engenheiro Romão José do Rêgo.

Por último organizou os grandes festejos, realizados no dia 15 de Maio de 1776, por ocasião do aniversário do Marquês e, por sua iniciativa, as onze Companhias que se tinham constituído edificantes ofereciam o formoso obelisco, que decora a linda Praça Marquês de Pombal e testemunha o reconhecimento do Povo de Vila Real de Santo António ao seu benemérito fundador.

Enfim, foi enorme a actividade desenvolvida por este homem extraordinário a quem Vila Real de Santo António tanto deve, e que nem sequer logrou alcançar, ao fim de quase dois séculos, que a vila, que com tanto carinho ajudou a erguer, lhe pagasse o seu tributo de gratidão inscrevendo-lhe o seu nome nas esquinas de uma das suas ruas, honra que muitos alcançaram e disfrutaram, sem que nós saibamos o que fizeram em seu benefício.

Junho de 1955

Manuel dos Santos Cabanas

(a) Repartições públicas, tais como: cartório notarial da Paróquia, do recrutamento militar, espécie de tribunal comercial, etc., etc. — Ficava no sítio onde hoje se encontra a estação dos C. T. T.



A CONFIDENTE
A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS
R. PASSOS MANUEL, 14 - PORTO — ROSSIO, 3 - LISBOA
TELEFONES 27011 - 28721 TELEFONE 31234
COMPRAS, VENDAS E HIPOTECAS DE PROPRIEDADES

ADUBO
NITRO-AMONIACAL
C. U. F.
20,5% de Azoto
Metade nítrico, metade amoniacal

Contém cal

Adubo granulado, contendo elevada quantidade de cal, óptimo para todas as culturas e para todos os terrenos, especialmente os ácidos ou pobres em cal, quer usado em sementeira ou em cobertura.

Companhia União Fabril

Lisboa

Porto

Rua do Comércio, 49

Rua Sá da Bandeira, 84

Revendedores em todo o País

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

FRIGORIFICOS

Para talhos, Cafés, restaurantes e domésticos
Grandes facilidades de pagamento
Agência Comercial de Faro, Lda.
TELEFONES 76 E 113 FARO

MANUEL FRANCISCO PATROCÍNIO

CARPINTARIA
AGÊNCIA FUNERÁRIA
Rua Cons. Frederico Ramires, 42-44 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

LEONEL R. AGOSTINHO

Navios para transportes de carga entre
Portugal, Espanha, Gibraltar e Marrocos
Telegramas: SHIPPING Telefone 30
Rua Conselheiro Bivar, 96 - FARO

VINHOS DO CARTAXO

MARCA DE VINHOS

de Consumo e Exportação

QUE MARCA

O maior «STOCK» de vinhos de mesa, licorosos extremadura, aguardente vínica e bagaceira da região e aguardente de ginja



MARCA REGISTRADA

O Técnico e Proveedor desta casa
é o seu Proprietário

AGENTES EM;

Africa e Brasil

Preços em concorrência para todos os mercados

Vinhos licorosos extremadura
engarrafados das marcas:

«TREZE», «PORTUGAL», «RAQUELITA»,
«MINHA ULTIMA MARCA»
e «AGUARDENTE VELHA RIBATEJO»

Produtos vînicos 100 por cento

Execução rápida de todas as encomendas

Vendas com garantia de baixa

Compras a dinheiro, vendas a prazo

Áceito Ágentes onde ainda os não tenha

Armazéns de retém:

N.ºs 1 a 6, no Cartaxo, em propriedades próprias

BANQUEIROS:

Banco de Portugal
Crédit Franco-Portugais
London & South America Limited
Borges & Irmão
Nacional Ultramarino
Angola
Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco Português do Atlântico
Caixa Geral de Depósitos

ANTÓNIO NUNES CUNHA

REGISTO COMERCIAL 65-B

CASA FUNDADA EM 1913

CARTAXO - Portugal

Telegramas: «TREZE»

- APARTADO 13 -

Telefones } 13 - Cartaxo
27 - Ericeira
821 - Santarém

BALANÇAS

Centesimais e Decimais, as melhores

Máxima precisão Excelente apresentação

As balanças que marcam
rigorosamente o peso legal

Esmerado fabrico Nacional da afamada firma

SIMÃO VAZ & C.^A

Fábrica de Balanças

CELEIROZ - BRAGA

Agente-Rua da Liberdade, 56

TAVIRA

Jaime Santos & Dinarés, L.^{da}

Rua da Graça, 61 A. L. F.

LISBOA

- Telefone 849768 -

Casa especializada em revestimentos de

MARMORITE

para fachadas, pavimentos, lambris, etc.

A nossa casa executou entre outros trabalhos na província o revestimento da

Casa Verde em Faro

«Seja qual seja a idade
o GLYCOL dá mocidade»

GLYCOL

O IDEAL DA PELE

Produtos VAP

O único preparado que realiza a máxima beleza, dando à pele o raro encanto da mocidade. Á venda nas boas casas da especialidade e principais farmácias

ENVIAMOS UMA AMOSTRA A QUEM NOS REMETER NOME E MORADA E 5\$50 EM SELOS DO CORREIO, PARA DESPESAS DE EMBALAGEM E REGISTO

Remetemos encomendas à cobrança para todo o País, Ilhas e Colónias

FABRICANTES E DEPOSITÁRIOS GERAIS:

VENTURA D'ALMEIDA & PENA

Rua do Guarda Mór, 20, 3.º, esq. (a Santos)

LISBOA

TELEFONE 664972

Os produtos V. A. P. estão à venda em todas as boas casas

VIDA LITERÁRIA

A-propósito dum aniversário

(CONCLUSÃO DA 3.ª PAGINA)

Regresso à Pré-história

Por J. Leslie Mitchell

Colecção Argonauta
Edições «Livros do Brasil» - Lisboa

JULIO Verne, cujo cinquentenário agora se celebra em França com a merecida e justa pompa, foi o criador dum novo género literário — o científico — que fenómenos mais ou menos explicados ou explicáveis, como energias atómicas, foguetões supersónicos e discos voadores de origens desconhecidas, transformaram num derivado curioso e moderno a que, talvez por falta de melhor designação, se chamou «ficção científica». Esta nova forma de literatura que, apesar do seu aspecto ligeiro e despreocupado, é, incontestavelmente, difícil de trabalhar, não tardou a ganhar em todo o Mundo grande número de apreciadores, o que teve como consequência mais desastrosa e lamentável, o súbito aparecimento dum imensidade de autores à cata dum fácil sucesso financeiro e sem as qualidades essenciais ao cumprimento do seu objectivo. Antes de mais nada, quem pretenda enveredar pela ficção científica tem de reunir duas condições fundamentais — talento de escritor e verdadeira bagagem técnica. Foi à custa destes dois predicados que Júlio Verne se tornou grande. Primeiro, porque era, indiscutivelmente, um sábio de vastíssima cultura, curioso de todas as ciências, desde a engenharia à navegação, passando pela astronomia e pela geologia. Segundo, porque era realmente um homem de grandes predicados literários, a ponto de tornar acessível e agradável o que, aparentemente, era árido e agreste. Mas muito embora isto sejam verdadeiras evidentes, o facto é que há quem se dedique à «ficção científica» sem possuir nem uma daquelas condições. E' o caso, por exemplo, de J. Leslie Mitchell, autor desta incrível obra, «Regresso à Pré-História», que nada tem de científica, embora tenha, em contrapartida, bastante de ficção. E senão, vejamos dois pontos, escolhidos ao acaso entre muitos outros. Quando os três sobreviventes da *Núvem de Magalhães* vêm uma Lua numa fase contraditória e em desarmonia com a que devia apresentar, o Autor não chega nunca a explicar satisfatoriamente as razões desse estranho fenómeno. Ora Júlio Verne, no seu romance «Heitor Servadac», não deixa de justificar, com todas as bases científicas, porque é que os heróis daquela aventura vêm, de repente, o Sol erguer-se a Occidente e esconder-se a Oriente. O caso tem analogias flagrantes; simplesmente, um dos autores possuía elementos para se consagrar à ficção científica, enquanto que o outro não dispõe desses mesmos elementos. Outro exemplo, só para confirmar a primeira impressão. No «Regresso à Pré-História», há um aparelho de rádio que se avaria, sem razão aparente e sem que Leslie Mitchell nos chegue nunca a dizer os porquês científicos desse mau funcionamento. Na «Viagem ao Centro da Terra» — entre parêntesis, a única previsão de Júlio Verne que ainda não está em vias de realidade — há uma bússola que, súbitamente, principia a marcar desorientadamente os pontos cardiais, mas o escritor não deixa de expor aos seus leitores as causas científicas da malandragem daquele instrumento. Nisto reside a principal diferença entre a autêntica ficção científica, curiosa, instrutiva e interessante, e os produtos adulterados vendidos sob o mesmo rótulo, como este «Regresso à Pré-História», pesado, inadmissível e pouco merecedor de figurar numa Colecção como a Argonauta, iniciada sob os melhores auspícios.

Noticiário Nacional

- Mário Domingues acaba de apresentar ao público, através das Edições Romano Torres, mais um livro de evocação histórica, intitulado «Inês de Castro na vida de D. Pedro». O autor, que nos deu já «A vida gloriosa do Condestável» e «O drama e a Glória do Padre António Vieira», confirma, com mais este trabalho, as suas qualidades para o género. Oportunamente faremos, nestas colunas, uma análise crítica da Obra, mas desde já a deixamos assinalada.
- Numa colecção muito antiga, mas que tem o seu público, a Colecção Azul, as edições Romano Torres acabam de lançar mais um romance de que é autora Leyguarda Ferreira. Intitula-se «Amanhã às dez» e será certamente devorado pelas meninas casadoiras. Max du Veuit enriqueceu com este tipo de romances!
- Gilberto Freyre, nome sobejamente conhecido entre nós e bastante apreciado também, acaba de ver uma longa série de discursos e conferências reunidos sob o título comum de «Um brasileiro em terras portuguesas». Este trabalho constitui o

POR JOÃO A. MENDES LEAL

n.º 28 da conhecida Colecção Livros do Brasil, regularmente publicada sob os auspícios das Edições «Livros do Brasil». Faremos também, a seu tempo, uma breve análise deste volume.

• O próximo romance da Colecção Miniatura, uma das raras que tem conservado um alto nível de escolha, chama-se «Ter ou não ter», e é seu autor o famoso Hemingway, tão atacado, tão criticado, tão incompreendido mas, apesar de tudo, e por magia da sua pena fulgurante, tão lido e tão procurado. Tendo lido esta obra na sua versão original, desde já a recomendamos aos nossos leitores, como uma das mais humanas e das mais autênticas que já saíram da imaginação do célebre escritor.

• Erico Verissimo, tão editado em Portugal, assina o próximo volume da colecção «Livros do Brasil». Intitula-se esse livro «Viagem à Aurora do Mundo».

• Os Estudos Cor continuam a enviar, com toda a pontualidade, aos seus assinantes, os fascículos da sua mais recente publicação «Como compreender a Pintura». Esta regularidade traduz uma organização e um sentido editorial que nunca é demais acentuar.

Notícias do Estrangeiro

• Depois de «Os Amantes do Tejo», que Lisboa viu ainda não há muito tempo, Jo-

seph Kessel vai ter mais um seu romance transposto para as telas dos cinemas. Trata-se da sua obra prima «Fortune Carrée», filmada a cores e que aparecerá ainda este ano.

• O terceiro volume da célebre obra de Hans Kirst «08/15», intitulado «A volta do tenente Asch», saíu na Alemanha com uma tiragem inicial de 100.000 exemplares!!!

• O semanário «Nouvelles Littéraires» acaba de completar 10 anos de existência, e no seu número comemorativo, oferece-nos uma curiosa estatística que esclarece o público acerca dos livros mais lidos em França durante estes dois últimos lustros. A cabeça, figura o conhecido «D. Camilo e o seu pequeno Mundo», êxito a que não deve ser inteiramente estranha a versão cinematográfica dessa obra. Em segundo lugar, surgem as memórias de guerra do famoso aviador Pierre Clostermann, «O grande Circo», com a linda cifra de 537.000 exemplares vendidos. • Gilberto Cesbron, autor do

conhecido romance «Os Santos vão para o Inferno», (230 mil exemplares), acaba de publicar um novo trabalho, que se intitula «Ce Siècle appelle au secours», e a que está, possivelmente, reservado um sucesso igualmente clamoroso. A tiragem do seu romance «Cães perdidos sem coleira» já atingiu os noventa mil exemplares. E' de fazer crescer água na boca...

• O escritor inglês F. W. Kenyon escreveu recentemente um livro dedicado a Imperatriz Josefina, mulher de Napoleão I. Chama-se «O romance da mulher do Imperador» e acaba de ser traduzido para francês, em edição luxuosa e de excelente apresentação.

• Gilbert Doukan foi galardoado com o prémio de Literatura Desportiva (no valor de 100.000 francos), graças à sua obra «Frente aos tubarões do Mar Vermelho». O júri era constituído por Marcel Berger, presidente da Associação dos escritores desportivos (o que pode o nível literário!...), André Maurois,

te e fazem do jornalismo um produto morno, dessoado. Jornalistas de autêntica estirpe foram um Rodrigues Sampaio, um Mariano Pereira, um João Chagas e tantos outros que queimaram os nervos no fogo quotidiano da vida dos jornais. E pelo jornalismo, ocupação hoje tão desdenhada pelos nossos intelectuais, passaram alguns dos escritores mais representativos da nossa vida literária. Herculano, Oliveira Martins, Eça de Queiroz, Fialho, Raúl

Emile Moussat e Paul Vialar.

• Falando ainda de prémios literários, em que o nosso país é tão limitado, anunciamos a atribuição do Prémio «Amar» a Arlette Grebel, como seu romance «Aonde vais borboleta?». O Prémio «Amar», destinado a coroar o melhor livro do ano sobre «music-hall» ou circo, aparece este ano pela primeira vez.

• O célebre bailarino Serge Lifar é o autor dum obra que se intitula «A música pela dança», e que está a conhecer em França um sucesso notável.

Proença, Brito Camacho, deram o seu tributo à imprensa periódica e nunca se consideraram diminuídos por empunharem a pena em tarefas avulsas da imprensa diária. Aos intelectuais dos nossos dias, aos que se julgam marcados pelo génio e esperam dia a dia que a glória e a fama lhes bata à porta, aqui deixamos a resenha destes nomes, em testemunho de que a glória literária não é incompatível com as humildes e insignificantes tarefas da imprensa.

Que os nossos intelectuais se lembrem de que o facto de escreverem em jornais, mesmo nos insignificantes jornais provincianos, não constitui qualquer humilhação para o seu talento.

E vencidos preconceitos dessa natureza, talvez se insuflasse um pouco de alento e vigor à nossa imprensa, talvez corresse nas suas páginas meia dúzia de ideias, se acaso é que os nossos intelectuais ainda têm ideias. Porque o jornalismo actual apresenta-se descarnado de ideias. E' ainda nos pequenos jornais que encontramos vestígios de todas as tradições que faziam do jornalismo um instrumento de cultura e de esclarecimento.

A pequena imprensa é assim a mais fiel depositária do verdadeiro jornalismo, do jornalismo sério, do jornalismo não enfeudado a interesses que o comprometem e amesquinham.

Ai, ainda, apesar de todas as limitações que reduzem a sua existência a um nível precário, nós encontramos pessoas que tratam dos problemas nacionais e culturais com independência, mostrando um zelo que a grande imprensa, vivendo em condições vantajosas, não sabe ou se esquece de tratar.

«Notícias do Algarve» ocupa um lugar de destaque em toda a nossa imprensa. Quem tenha seguido a sua existência, nestes dois anos de contínuo e persistente labor, terá verificado a escrupulosidade das suas informações, a seriedade dos seus processos. Sem pactuar com a louvaminhice, nem transigir com êxitos fáceis, sem adular manias ou vícios, tem servido honestamente a sua terra e os seus leitores. Preocupando-se principalmente com os problemas de interesse local, defendendo com denodo os interesses da sua região, o jornal não tem esquecido a importância das questões sociais e culturais do nosso tempo. Na unidade que tem sabido manter entre os problemas de carácter local e as preocupações dum ordem mais vasta que, efectivamente, não deixam de se reflectir na vida de cada um de nós, a Direcção soube imprimir ao jornal um cunho útil, sério, moderno. Oxalá que outros jornais, com as mesmas possibilidades e vivendo em idênticas condições, saibam imitar uma lição que se nos afigura de primordial interesse para a valorização da imprensa. Mas, não só a pequena imprensa aproveitaria da lição; também a outra, a grande, ganharia alguma coisa.

Rodríguez Pena

Em FARO, adquira o «Notícias do Algarve», na Livraria Campinas, Rua de Santo António, 67.



FRANÇA

PAÍS DAS QUATRO ESTAÇÕES

INFORMAÇÕES:

DIRECÇÃO GERAL DO TURISMO FRANCÊS
234 - RUA ÁUREA - 242 - LISBOA

O GRUPO DE "OS NOVOS" E A SUA INFLUÊNCIA NA ACTIVIDADE JORNALÍSTICA ALGARVIA

DOS ANOS DE 1922-1923

Por JOSÉ BARÃO

UM dos índices pelos quais se afere com rigor do nível e da curiosidade intelectuais de um povo é a sua imprensa. Não há grande receio de equívoco sobre o bem ou mal estar material e a capacidade mental de uma Nação quando se consultam os seus jornais. Estes dizem-nos tudo, mais fielmente que as estatísticas e as propagandas oficiais. Um exemplo desta verdade é a Dinamarca. Pequeno país, com pouco mais de metade da população de Portugal Continental, tem tantos jornais diários como toda a Península Ibérica, cuja população orça por 35 milhões de indivíduos. Isto define expressivamente o grau de prosperidade material e a ansiedade intelectual do pequeno país nórdico. Qualquer localidade dinamarquesa com a população de Vila Real de Santo António tem um diário, e um núcleo populacional como a nossa capital de província tem dois quotidianos. Vale a pena ver um dos diários de Copenhague. A que distância ficam os nossos diários! A que distância ficamos todos nós do pequeno povo da embocadura do Báltico!

Mas não é precisamente dos dinamarqueses que nos queremos ocupar. É exclusivamente dos algarvios, e em particular de um reduzidíssimo número destes — do Grupo Redactorial «Os Novos».

Aí por 1922, apagado já o brazeiro da primeira Grande Guerra, quando as feridas começaram a sarar e se anteava uma alvorada de esperança para a negregada Humanidade, operou-se um movimento intelectual em todo o mundo, que atingiu os recantos mais pacatos da terra. Não era um movimento definido, com directrizes marcadas; era um anseio de vida, uma necessidade de contacto, um desejo de convívio. Esta psicose — chamemos-lhe assim — tornou-se epidemia. Os seus reflexos na nossa provincia foram exuberantes no campo do jornalismo. Nunca até então se tinha verificado uma explosão tão grande de vitalidade intelectual, nem posteriormente a essa época se assinalou movimento semelhante, talvez porque o meio ambiente não tenha sido propício. Foi a época mais viva do jornalismo algarvio e na qual se revelaram algumas aptidões para o exercício de tão ingrata arte.

Não falando nos jornais já então de créditos sólidos, lembraremos que em 1921 apareceu o «Correio Olhanense», de João Trigueiros. Este foi, a bem dizer, o precursor do movimento jornalístico que la verificar-se. No ano imediato, surgiram o «Moca» e o «Lusitano», em Faro, dirigidos, respectivamente, por Manuel Caetano de Sousa e José Rodrigues Coelho; «Os Novos», em Vila Real de Santo António; «O Progresso», em Loulé, orientado pelo meu compadre e camarada de «O Século», João Leal da Silva; a «Folha de Alte», dirigida por Graça Mira; o «Alharb», em Portimão, dirigido por Armando de Miranda, e logo no ano seguinte (1923), o «Correio Teatral», «Notícias do Algarve» e «Progresso do Sul», todos de Faro, dirigidos, respectivamente, por António Nascimento, Emiliano Ramos e José Lopes de Macedo, e o «Barlavento», em Lagos, orientado por José Francisco Cabrita.

Muitos destes periódicos tiveram vida efémera, uns porque não chegavam a interessar o público, outros por carência de meios e ainda outros por desinteligências entre os seus orientadores. Mas isto não destrói o sentimento de vitalidade que eles representavam.

E agora falemos do Grupo Redactorial «Os Novos». Compunha-se ele de três moços: João Rodrigues Lima Centeno, natural de Tavira, ao tempo proposto da Tesouraria de Finanças local e hoje tesoureiro de Finanças em Setúbal; Manuel Rodrigues Alves e eu, naturais de Vila Real de Santo António, e ao tempo empregados de escritório. Fui eu, já contagiado pelo sarampo jornalístico, colaborador da «Gazeta de Olhão», do «Correio Olhanense» e de um diário de capital, quem lhes insuflou coragem para editarmos um jornal. E acordámos os três em fundar o Grupo com o capital de 300\$00, dividido em partes iguais. Colaboradores directos sem capital dinheiro, mas com capital trabalho e entusiasmo, portanto integrados no Grupo, Manuel da Silva Domingues, farense, também empregado de escritório, e o José Alves Mestre, metódico e zeloso funcionário municipal, natural desta vila. Depois de muitas trocas de impressões, optou-se pelo título de «Os Novos», em homenagem aos nossos poucos anos e às

nossas muitas ilusões. Nós acabávamos de fazer 18 anos. Falou-se ao falecido tipógrafo Joaquim António Socorro para compor e imprimir o semanário, e este viu a luz na véspera do Natal de 1922. Não foi certamente um acontecimento local, mas não há dúvida que a gazetinha agradou pelo que representava de desembaraço da parte dos seus jovens editores.

Eu era o director, o João Centeno, o editor, e o Manuel Alves o administrador. Assim estavam oficialmente distribuídos os pelouros jornalísticos. A redacção era num sótão de uma casa da Rua Dr. António Passos, onde estava instalada a Associação dos Empregados no Comércio e que nos tinha sido cedido gratuitamente pela direcção desta colectividade, da qual faziam parte, entre outros, José Valentim, velho amigo, ausente há muitos anos no Brasil, Diamantino Baltazar, José Messias, José Gonçalves Correia,



O Grupo do jornal «OS NOVOS».—João Centeno, Manuel Rodrigues Alves, José Barão, Manuel da Silva Domingues e José Alves Mestre

Vaz Marques e outros amigos cujos nomes não recordo.

De princípio, as coisas correram com normalidade, mas a partir de certa altura o director — reparem na categoria! — além das suas funções de escrevinhador, viu-se forçado a fazer tudo: as cintas dos endereços, mais de seiscentas por semana, a colagem das mesmas, os recibos e não sei quantas coisas mais.

No segundo ou terceiro mês, o decano dos gráficos algarvios Joaquim António Socorro, surpreendido com a duração da gazeta e verificando que não podia corresponder à regularidade da publicação, resolveu não a confecionar. E tivemos que recorrer à Minerva Comercial, de Évora, a qual correspondeu rigorosamente ao que dela exigíamos.

Com a transferência da factura da gazeta para Évora, o pobre director viu-se ainda mais atrapalhado. O último original tinha que estar naquela cidade na quinta-feira, para podermos receber o jornal no correio de sábado, a fim de o despachar a tempo de chegar às mãos dos leitores no domingo. Era o director que carregava quase sempre com os maços da estação do correio para a redacção, e era ainda ele quem tinha que os dobrar, endereçar e estampilhar. O João Centeno e o Manuel Alves namoravam ao tempo as meninas, depois senhoras, com quem casaram e com quem são felizes, e só apareciam no sótão já noite avançada, quando o serviço estava quase ultimado. Valeu-me não poucas vezes a dedicação do Zé Alves e do Manuel Domingues, e uma vez por outra a do Emilio Costa que, arredio dos nossos entusiasmos jornalísticos, era às vezes aliado

para dobrar e endereçar os jornais. Por acaso — verifiquei-o agora na Biblioteca Nacional — que endereçava muito mal, pois num dos exemplares lê-se, do seu punho: Biblioteca Nacional — Porto, quando o dito arquivo de sabedoria é em Lisboa.

O João Centeno tinha a seu cargo os ecos da sociedade, para o que registava na sua agenda as idas e vindas, casamentos, nascimentos e mortes das pessoas que mereciam figurar no semanário; o Zé Alves mostrou-se precioso colaborador nas crônicas do Carnaval, tecendo inocentes intrigas que punham em alvoroço os frequentadores dos bailes, sobretudo as frequentadoras.

As vezes, aos sábados à noite, o infeliz director via-se só e desolado perante um monte de papéis que era preciso dobrar e expedir. Não aparecia ninguém para o ajudar, nem sequer os sócios — o editor e o administrador. Não queiram saber de que cor

eram os pensamentos que então metinavam o cérebro! Por mais de uma vez, deu-me vontade de chegar um fósforo aos papéis e ir afogar o desespero nalguma bebida forte, no Variedades, que nos ficava a umas dezenas de passos. Gritava cá para baixo, para o rés-do-chão, a pedir socorro, e algumas vezes valeu-me o préstimo do Vaz Marques. Aí por volta de uma hora, já no fim da «festa», subia as escadas de madeira, com a bengala pendente do braço, o João Centeno, que se mostrava muito admirado de eu lhe dizer que o Manuel Alves não aparecera, ou se o fizera fora para fazer constar que ia namorar. As vezes, a minha indignação tornava-se agressiva, e tinha boas razões para isso! Afinal, eu era o único que tomava o papel a sério! De como decorriam os serviços administrativos nunca cheguei a saber nada. Sei, apenas, que tinha que passar os recibos para a cobrança e expedir-os pelo correio. O João é que se encarregava de tudo e regulava as agulhas com o administrador. Se o jornal deu lucro ou prejuízo, foi coisa que nunca cheguei a saber, porque nunca me interessou. Nenhum de nós foi norteado pelo desejo de auferir lucros. A única coisa que sei é que se pagaram sempre e pontualmente todas as contas.

É claro que, às vezes, e como não podia deixar de ser, surgiam desentendimentos passageiros. O único que tenho presente foi motivado por um artigo de fundo, que escrevi e com o qual o João

(CONCLUI NA 16.ª PAGINA)

CONTO NATURALISTA NOÇÕES DE ESTÉTICA

QUANDO abandonei os meus estudos na Escola de Belas Artes de Lisboa, havia completado vinte anos de idade e a minha rebeldia atingira o auge. Meu pai tinha por este filho único o fanatismo irascível de quase todos os pais que só possuem um filho ou uma filha.

Apesar do seu amor paternal por mim, obrigou-me a acompanhá-lo a casa do meu professor de Anatomia Artística e do nosso bom amigo, sr. dr. Henrique de Vilhena.

Este professor trabalhava, na Faculdade de Medicina, em Anatomia Científica, e na Escola de Belas Artes, em Anatomia Artística.

Era um sábio que exigia dos seus alunos a maior aplicação, mas com uma delicadeza que a todos cativava.

Chegou ao limite de idade e reformou-se há anos.

Era ainda nosso parente, por parte do meu avô paterno, primo segundo de seu pai, o sr. conselheiro Júlio de Vilhena, que foi ministro da Marinha e governador do Banco de Portugal.

O finado conselheiro e meu avô, além de primos, nasceram ambos em Ferreira do Alentejo.

Meu pai, já crescidinho, veio para Silves e empregou-se no escritório do sr. conde de Silves.

Ali viveu dez anos entre fidalgos modernos, plebeus e corticeiros. Chegou mesmo ao posto de primeiro cornetim, na filarmónica regida pelo sr. Vicente de Almeida, seu mestre e amigo.

Meu pai, sem querer consignar-lhe elogios, era um artista, tanto na filarmónica como no teatro de amadores.

A estética como ele empunhava o seu cornetim rivalizava com a arte de pisar o palco e con-

trascenar com a Teresa Aço. Todos os janotas e meninas da cidade mourisca, quando os viam no proscénio, exclamavam com júbilo: «Que belo par tão artístico!»

E os ensaios, até altas horas da noite, mais os confundiam em uma atmosfera de intimidade, galanteza e amor!...

Um dia, porém, tudo se desfez abruptamente. A Teresa foi levada para Lisboa, na companhia teatral do empresário Afonso Taveira.

Meu pai, colhido por este turbilhão inesperado, ia enlouquecendo! Calçou a pés o cornetim, rasgou em dezenas de tiras o papel que estudava, no drama em que ele faria de D. Pedro I e ela de Inês de Castro...

Despediu-se do emprego e partiu para a capital no encalço da actriz, rondando-lhe a porta e seguindo-lhe os passos.

A Teresa, cautelosamente, preveniu o empresário do medo que a afligia. Taveira, inteligente e prático, arromou assim o obstáculo: casou com a Teresa Aço, que passou a chamar-se Teresa Taveira.

Meu pai rendeu-se à evidência, esqueceu a ingrata e disse a um amigo: — *uma actriz anda sempre a representar!*

Essa primeira musa de apaixonado solteiro diluiu-se pelas alamedas do Jardim da Estrela. Outras belezas apareceram, como estrelas de alva a iluminar o caminho do Infinito...

Surgiu minha mãe, e o antigo actor casou e tomou juízo.

Desceu o pano. Voltemos ao ponto de partida.

O meu respeitável professor Henrique de Vilhena ainda me aconselhou a voltar à Escola de Belas Artes. Mas eu agradei as atenções que teve comigo, e afirmei-lhe que a minha resolução era inabalável.

O conflito circunscrevia-se a um único professor, pequenino e petulante, que me ofendera sobre a estética de um desenho feminino, que eu produzira com uma naturalidade impecável. Deu-me um empurrão e eu gritei-lhe aos ouvidos: — *A sua Arte é contemporânea do cacete de D. Miguel!*

Furiado, avançou para me agredir. Recuei até à porta da saída. Ali, com gesto despenhado, apresentei-lhe as armas de S. Francisco e saí voltante...

O dr. Vilhena, voltando-se para meu pai, consolou-o:

— *Tem paciência, homem; o teu filho é parecido contigo. Não te esqueças do cornetim que esmagaste em Silves por causa de uma mulher!*

Meu pai riu, à socapa, e saímos de casa do professor.

Pelo caminho, em voz baixa, disse-me que as mulheres deitam os homens a perder. E cortaste a tua carreira — acrescentou — devido ao desenho de uma rapariga. Deixei razão e prometi nunca mais me envolver em noções de estética.

Andei aos tombo por Lisboa. O emprego para mim tardou.

Fui trabalhar no escritório de um exportador de aparas de cortiça.

Excelente criatura.

Parecia muito rico, pelo luxo da esposa e das filhas. Ele alimentava este vício — ir uma vez por semana ao Estoril, jogar. No último Inverno, estoifrou no Estoril e eu perdi o emprego.

Meu pai falou com um influente político, que prometeu arranjar-me um lugar de lucro e representação: presidente do Gremio das Folhas de Figueira, organismo que muito devia beneficiar os lavradores do Algarve.

Percorri as principais terras algarvias e Portimão, sem offensa às outras, é a mais próspera, elegante e pitoresca.

Terra encantadora, com a Rocha a pouca distância, lia todos os dias o «Diário do Governo» à espera da minha nomeação.

Era um parto laborioso, mas tinha fé em Deus que essa hora deixada chegaria.

Apenas um caso esporádico me feriu a sensibilidade, talvez agravado pela amarga recordação do meu conflito sobre estética nas Belas Artes.

Passando por uma rua das mais centrais, à 1 hora da tarde, vi um trabalhador da Câmara a limpar uma sarjeta, salpicando de lama negra uma senhora ricamente vestida.

Ela recuou apavorada e eu, que próximo seguia, censurei o trabalhador.

O homem, coitado, encolheu-se e justificou-se:

— *Antigamente, esta limpeza era feita de madrugada; mas depois mudou para qualquer hora do dia.*

(CONCLUI NA 9.ª PAGINA)

O ALGARVE SOB O PONTO DE VISTA INDUSTRIAL

Pelo Dr. ANTÓNIO DE SOUSA PONTES

Arroz, 502 toneladas.
Fava, 5.835 toneladas.
Milho, 26.251 milhares de litros.
Feijão, 1.085 milhares de litros.
Grão, 1.824 milhares de litros.
Vinho, 2.655 milhares de litros.
Azeite, 3.116 milhares de litros.
Batata, 18.992 toneladas.

Cortiça — trabalhada nas 199 fábricas algarvias — 29.521 contos — 2.169 operários.

Empregavam-se na agricultura, silvicultura e pecuária, segundo o Censo de 1950, 69.642 profissionais, empregando-se em todas as outras profissões 59.050 pessoas.

Nas conservas, conseguimos produzir cerca de 50% em tonelagem e valor da produção de todo o País. E nas cortiças, sendo a nossa produção subcortica de 4.488 toneladas, por ano, as nossas 199 fábricas (das quais, apenas 20% têm força motriz), industrializámos 13.758 toneladas.

E ainda a propósito de cortiças, sabemos que grande número dos que dirigem e trabalham na indústria do distrito de Setúbal, que é o 1.º do País pelo número de fábricas, 80% das quais com força motriz, são originários do Algarve.

O conhecimento deste facto já levava, o lúcido espírito de algarvio, que foi José Dias Sancho, a observar que os seus compatriotas eram «maiores» fora da terra onde nasceram.

Em S. João da Madeira, sem as facilidades de transportes que têm os portos algarvios, os emigrantes que tinham aprendido no Brasil e na América do Norte a montar, dirigir e tornar eficientes algumas explorações industriais, começaram por montar fábricas de chapéus e calçado e foram sucessivamente passando para fabricantes de chapéus de arame, bombas para água, boinas e bonés, lona, borracha, cadeiras portáteis, botões, torradeiras, velas de cera e estearina, vassouras, candeeiros artísticos, sedas, cigarrinhas, cintos, cofres, passamanarias, peles de agasalho, fundições, máquinas de costura, mobílias, guarda-sóis, lápis, malhas, malas, etc... Sabe-se como o salário industrial é mais elevado do que o do trabalhador rural, e por consequência como conviria que algumas destas actividades existissem no Algarve, tanto mais que a proximidade do mercado norte-africano servir-lhe-ia de estímulo.

Precisamente nesta ocasião, expli-

ca-se ao País as vantagens da montagem da siderurgia, com os altos fornos, a laminagem e produção de perfis e da sua transformação em objectos acabados.

O sr. subsecretário de Estado do Comércio e Indústria fazia ressaltar que as indústrias do ferro, cobre e alumínio são das que merecem avançar e progredir em Portugal:

1.º, porque elas pesam na nossa importação com o montante de divisas que atinge cerca de 3 milhões de contos;

2.º, porque podem dar emprego e sustentação a milhares de famílias;

3.º porque abre as mais ricas perspectivas à instalação de novas unidades manufactureras que empregam esses metais como matéria prima base, como fabrico de motores, de máquinas, etc., da indústria pesada, como de muitos artefactos.

Em seguida, trataremos de algumas indústrias em que podemos empregar a actividade dos artífices das 3 escolas industriais e comerciais algarvias.

"OS NOSSOS FILHOS"

Recebemos os números de Abril e Maio de «Os Nossos Filhos», a única revista para os pais, que se publica em Portugal. Colaborada pelos nossos mais ilustres Puericultores e Pedagogos, «Os Nossos Filhos», tornou-se indispensável em todos os lares onde há crianças. Os números agora recebidos, inzerem valiosos artigos sobre crianças cegas, crianças ciumentas, crianças que roubam, alimentação de bebés, parto sem dor, tuberculose; ensino de desenho, de gramática, lições de coisas; contos para as crianças, novelas para os pais, entrevistas; figurinos, malhas, rendas, bordados, etc., etc... Trata-se, pois, dum publicação muito útil, pelo que aconselhamos a sua leitura.

A Uma Criança de Dois Anos...

(INÉDITO)

Guiada pela mão de Santo António
Yieste ao nosso mundo de pavores,
Talvez sonhando que pisavas flores
E arranjavas um rico matrimónio!

Em vez de Deus, defrontas o Demónio
Com seu cortejo de ódios e rancores,
Eterna multidão de sofredores
À procura de um vago património!...

O Mundo é sempre assim, meiga criança,
A cintilar na asa da esperança,
Embaladora estrela ao amanhecer...

Inveja a tua idade e os teus sorrisos.
Quem me dera que os nervos fossem guizos
Para voltar de novo a combater!

MARCOS ALGARVE

SOLIDARIEDADE HUMANA

Por CARLOS DE RIOBOM

LANCEI, há tempos, um comovido apelo a favor duma desconhecida; duma pobre rapariguita de 23 anos, morrendo lentamente num sanatório dos Pirinéus—que por dura fatalidade do destino, nasceu já sob as garras duma outra doença.

Nunca brincou, nunca foi criança! Veio a este mundo de antemão condenada a jamais poder amar, ser amada; proibida de acalentar o maravilhoso sonho... dum filho nos braços...

Nada mais pedia, a não ser uns selos para se entreter, para a sua colecção. Sinto-me agora feliz por saber que, afinal, a minha pena não abre sulcos na areia dum deserto—que a solidariedade humana não é de todo uma expressão vazia, uma palavra vã.

A pobreza recebeu muitas cartas, bastantes selos! E na impossibilidade material de agradecer a todos, como desejaria, envia um sincero «merci bien» de reconhecimento, pelos momentos felizes que lhe proporcionaram. Bem hajam.

Foi, com efeito, uma bela acção. Não me enganei, ao dirigir-me às leitoras. A prova de que alguma coisa conheço da psicologia feminina chegou-me agora, numa carta vinda do Continente Negro. É, igualmente, duma outra desconhecida:

«Li, comovida o seu artigo. Comunico-lhe que imediatamente enviarei a Mlle... alguns selos que me sobram das colecções.»

«Não é nenhum favor, é um dever de solidariedade que todas as mulheres compreendem, principalmente quando são mães.

Para mais abaixo acrescentar:

«Ao contrário do que sucede nas nossas províncias ultramarinas, há aqui igrejas para brancos e para pretos, escolas para brancos e para pretos; os mulatos são considerados seres inferiores, sem direito de entrada nos recintos reservados aos brancos.»

«O preto só come pirão, trabalha, não lhe pagam ou fazem-no mal. A preta tem filhos dos brancos, que nunca saberão quem foram os pais. Não existe aqui nenhuma lei que obrigue estes «civilizados» a perfiarem, a sustentarem os filhos...»

«As palavras: justiça, solidariedade, conforto moral foram trocadas por caridade de várias cores e feitios. Esta, porém, não é senão a capa mais ou me-

nos virtuosa para encobrir os poderosos, desonestos, sem carácter.»

«Felicitoo pela lição que se dignou dar, no seu artigo «Pretos».

«Pena é que aqui não conheçam a nossa língua. Contudo, já o tenho traduzido, em síntese, a um ou a outro...»

«Perdõe o desabafo dum simples mulher...»

Escrevo geralmente com a vida—com as suas cores, cenários, realidades. Não invento. Como os pintores, limito-me a tentar passar ao papel as ansiedades, dores, dúvidas e esperanças duma pobre humanidade, que não encontra um rumo—busca aflita, desesperadamente, um Ideal, uma Fé.

Desta vez, todavia, este artigo foi preenchido noventa por cento pelas mãos delicadas duma mulher que não conheço. Foi o seu coração generoso, pulsando, que lhe deu vida, calor, Verdade.

Por certo não tornarei a escrever outro assim...

Foi arrancado à própria Vida.

O ALGARVE CARTA

a um menino...

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Em todos os «montes», debaixo das alpendradas, secam ao ar as enfiadas de «charros» com que as mulheres previdentes fazem provisão para o inverno. E até há pouco, as terras de sementeira, os milhos de sequeiro e as hortas, não conheciam outro adubo além do estrume natural dos gados e o «guano» de peixe.

Li algures uma sentença que diz que a terra onde os homens não confundem um remo com uma pá do forno, não deve estar longe do mar. Ora, por estes lados, até as crianças distinguem bem um remo duma pá...

Uma coisa que me entretém é ver a azáfama lampeira com que esta gente enche as camionetas que cruzam a província de lés a lés, desde que o sol rompe até à noite. E todos se conhecem e gritam para quem passa, e interpellam os amigos, nas

frequentes paragens do caminho.

Eu às vezes chego a acreditar que este vai-vem de pessoas atarefadas, esta espécie de lufa-lufa incessante e febril, é puro entretenimento, vezo de gente a quem o sossego aborrece e tem a inquietação na massa do sangue!

Depois, é vê-los: o homem que compra «farrobas» de monte em monte conhece todas as artimanhas do negócio, e fá-lo de olho esperto, com sua ponta de conversa fiada junto à porta do lavrador, na mira de que ele baixe um ou dois pontos no preço da venda.

O que vende peixe amarra uma caixa na trazeira da bicicleta e corre as estradas e as carreiras entre valados de pitas, tocando uma corneta e vendendo às comadres a sardinha petinga e o carapau salpicado, internando-se em todos os meandros onde pode haver mingua da sua mercadoria. Há mulheres de lenço e chapélico que cavalam os espertos burricinhos pela berma da estrada, para virem à cidade vender o produto da sua economia doméstica: duas dúzias de ovos, um ou dois frangos, amêndoa côca ou figuinho flor...

E toda esta gatinha tem um ar aconchegado e contente, da suficiência com que governa uma vida, que parece que corre a todos sem cuidados de maior.

Miséria, só nos centros fabris, na época do defeso. A outra gente, ou se contenta com pouco, ou a sua

202 a. C., tudo estava destruído, Cartago e cartagineses.

Em 218, a. C., começou a guerra dos Romanos contra os Lusitanos, que só ficou liquidada em 44, levando, portanto, 172 anos. Eu desejaria que me dissessem que outro povo ousaria, com uma experiência destas, entrar na terra lusá!

Em 209 da nossa era, chegaram à Península os primeiros bárbaros. Os Suevos estabeleceram-se na Galiza e Leão, Alanos na Estremadura espanhola, que já não era lusitana; os Vândalos na Andaluzia, que as lutas com os Romanos, nos fizeram perder.

Na História de Espanha por Calleja Fernandez, ensinada às crianças de Aiamonte, que eu ali compreí, quando também fui menino, lêem-se algumas destas coisas, que vêm mais bem explicadas no Dicionário Universal de História e de Geografia, por M.N. Boulet. Infelizmente, para se co-

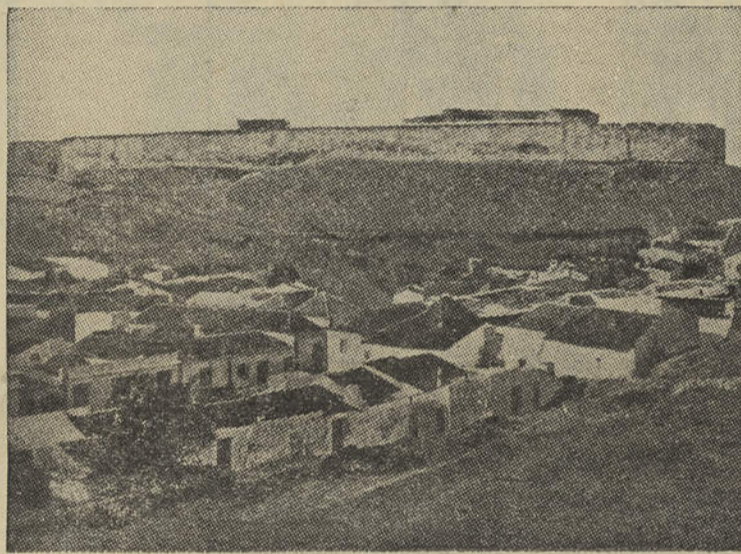
(CONCLUSÃO DA 14.ª PÁGINA)

CASTRO MARIM

Pelo Major SOUSA NUNES

TENDO publicado o meu modesto livro «Mouros e Mouros», há cinco anos, recebi, em 17/4/1951, uma carta muito correcta do sr. Manuel Francisco Prudêncio da Costa, de Castro Marim, lamentando que eu falasse de Aiamonte e de Cacela, e houvesse omitido a sua terra quando D. Afonso III entrou no Algarve.

Já não me lembro do que respondi, mas provavelmente, que não possuía outros elementos. Em 10/5/1951, recebi do mesmo amável senhor outra carta mais extensa com os seguintes esclarecimentos, entre outros:



Vista parcial de Castro Marim

NOÇÕES DE ESTÉTICA

(CONCLUSÃO DA 8.ª PÁGINA)

—Não está certo—rematei eu, penalizado por ver os salpicos de lama a tismarem aquele lindo casaco moderno de alto preço e da cor azul do céu!

Mas a verdade acima de tudo: a estética e o trânsito são as duas preocupações máximas desta população laboriosa, aparentemente feliz, sob o signo da indiferença e da calmaria.

A minha nomeação não chegava. Escrevi a meu pai contando-lhe a minha situação financeira. Mandou-me três cartas de recomendação, sendo duas para artistas e uma para um padre, todos eles velhos amigos de meu pai.

O primeiro a quem me dirigi foi ao ilustre pintor e professor Samora Barros, em Silves.

Bati à porta e dispunha-me a entregar a carta de meu pai à sopeira do artista. E ela, ladina e sacudida, disse-me logo:—O sr. Samora Barros não está. Partiu esta manhã para Samora Correia, onde vai pintar a igreja e o adro... Fiquei desolado. Apesar disso, não desanimei.

No dia seguinte, de manhã, parti para Faro, para entregar a outra carta de meu pai ao segundo artista.

Perguntei pela sua morada, e mais uma vez me convenci de que quem tem boca vai a Roma.

Após breve hesitação, um polícia indicou-me a morada. Bati e a criada apareceu, curiosa, fitando-me com insistência.

Disparei-lhe a pergunta sacramental:

—O seu patrão está em casa?
—O sr. Santa Clara partiu ontem à noite para Coimbra.

Olhei para a rapariga, desconfiado, duvidando da sua resposta. Ela, porém, mais atilada do que eu suponho, procurou tranquilizar-me o espírito com esta bisbilhotice fulminante:

—Foi ele e a família passar lá o Verão, a convite do sr. Bispo-Conde, para pintar o Convento de Santa Clara e a Quinta das Lágrimas...

Cambaleei e senti duas lágrimas despegarem-se das pupilas,

silenciosamente, amarguradamente, como um castigo da Providência.

Em um momento de desespero, lembrei-me do conflito das Belas Artes e do professor de Estética... Aquele velho ditado—homem pequenino, velhaco ou dançarino—reapareceu na minha retentiva a letras de fogo e desgraça!

Que fazer agora? Sem recursos e sem amigos, errei pelas ruas de Faro, ao Deus dará, tendo apenas na algebeira uma suja nota de vinte escudos!

Desde criança que a minha família toda me embalava com esta carícia: a Providência Divina não tem limite.

À porta de um café, vi dois seminaristas a conversar, fitando-me com obstinação. Um raio de sol benedito iluminou então o meu cérebro atormentado; deitando a mão ao bolso interior, senti que estava nele a última esperança, a derradeira tábuca de salvação.

Era a carta de meu pai para o seu amigo padre.

Tirei-a nervosamente e li o endereço. Ficava para os lados de Loulé.

Corri à estação das camionetas e compreí um bilhete. Uma hora decorrida, cheguei à aldeia e bati à porta do prior. Ele próprio veio abri-la e convidou-me a entrar. Apresentei-lhe a carta de meu pai, que leu comovido, dizendo-me:

—Ficas em minha casa e tenho aí uma vaga de sacristão, pois este adoeceu gravemente...

Queres ficar na aldeia ao serviço de Deus?

—Aceito sim, meu Prior.

Ficarei por aqui longos anos, distante das vaidades humanas, das invejas e intrigas. As noções de estética foram a minha perdição e a minha salvação!

Um ano depois, casei com a filha do regedor e fui passar—à custa do meu sogro—a lua de mel a Sevilha, pela Semana Santa, onde conheci a linda imagem por quem um Bispo se apaixonou...

João Saoristão

«Que no Arquivo Histórico de Portugal se atribui a fundação de Castro Marim aos Fenícios, em 954 a. C., segundo uns; aos Cartagineses e aos Romanos, segundo outros.»

Os lusitanos e os portugueses nem uma só pedra forneceram para o levantamento de qualquer cidade, vila, aldeia, fortaleza de Portugal, especialmente do Algarve, com excepção de Vila Real de Santo António, por enquanto!

«Que Estácio da Veiga também escreveu muitas coisas tendentes a provar que tudo no Algarve foi obra de estranhos, desde o homem das cavernas até que ele publicou as suas tão valiosas Antiguidades Monumentais do Algarve!»

Em Portugal nunca houve Fenícios. Estiveram estabelecidos em Cádiz, com comércio lícito e sem violência, e não admira que algum passasse no Algarve. Quanto aos Cartagineses, estiveram duas vezes na Península, mas tão longe do Algarve como daqui a Castro Marim, também para negociar; a primeira no século VIII ao século IV a. C., em que retiraram para acudir à pátria ameaçada.

Perdida a Sicília, em 241 a. C., o seu herói máximo, Amílcar Barca, veio refazer-se de todas as perdas e danos à Península, que conquistou em pouco tempo entre os Pirinéus e o Ebro, fundando a cidade de Barcelona.

Depois, avançou pomposamente para ocidente até ao Guadiana. Ai um povo que se chamou lusitano, e

que os portugueses geralmente desconhecem ou negam, infligiram-lhe a primeira derrota, afogaram Amílcar Barca na água do pátrio rio, em 220 A. C. e perseguiram, até ao local, onde depois construíram Cartagena, os restos do exército derrotado, conduzidos por seu genro Asdrúbal e o seu filho, o grande Aníbal!

Pouco depois, Asdrúbal foi assassinado por um escravo, a quem o mesmo assassinara o senhor.

No ano seguinte, 219, sabendo-se que vinham a caminho os Romanos pedir contas a Aníbal, pela destruição de Sagunto, saiu ao seu encontro, numa heróica fanfarronada e não mais voltou. Portanto, nunca esteve em Porto-Aníbal. Em

AMOR OCULTO

Tento esconder do teu o meu olhar.
Finjo ser impassível, indiferente,
P'ra que não vejas este amor ardente
Que anda em meu coração a palpitar.

Iludo-me a mim própria, a procurar
Destruir este sonho inconsciente.
E assim, abraço a dor teimosamente,
—Embora só em ti ande a pensar!...

E agora pressinto que já leste,
No meu confuso enleio, esta loucura,
E que tudo, afinal, já percebeste...

Mas que importa que saibas o meu pecado,
Se ao ver-te, o coração vê a ventura,
Se falar-te alenta o seu bater cansado!

HORTENSE MARQUES

indústria lhe rende com que ir passando. Se a terra não chega para o sustentar, o algarvio pede ao mar o bocado que lhe falta. E como ambas as fontes de riqueza as tem à mão, há quem cave na terra ou pegue num remo, consoante as necessidades.

Depois, eu creio que é o ar maneirinho que tem aqui a paisagem—«montes» no meio de fazendas de palmas, hortazinhas em todos os repregos onde o chão pode captar um pouco de humidade, água fácil, luz que canta, e o ar carregado da salsugem se o vento sopra da costa, ou impregnado do perfume da esteva, da urze e do rosmano, se é o «terrenho» que impera—que faz do homem no Algarve um ser feliz, de reacções prontas, olhos alegres de gozador da vida, batendo os tacões em todos os «corridinhos» suburbanos de que os dias de santo de guarda são pretexto amiudado.

A quem vem do Norte e desce a Serra a caminho do mar, o contraste entre as terras que deixou no Alentejo, e as que aqui vem topar, é ainda mais flagrante e mais em favor destas. E nada espanta que, filhos do chão que pisam, o alentejano e o algarvio sejam dois indivíduos dispare, com carácter diferente e incompreendidos um do outro, na maneira por que encaram a vida.

E é por isso que, bem no fundo, não se entendem. Os algarvios acham os do Alentejo mazorros e tardios. Os da planície desdenham da inquietação daqueles que ficam para lá da Serra, ouvem com certa desconfiança a sua loquacidade, e crêem que por ali anda sempre algum jeito de trapaça...

Cândido Marrecas

Visado pela Comissão de Censura

*Os bons valores garantem-se
com apólices da* **IMPÉRIO**



**COMPANHIA
DE SEGUROS**
R. GARRETT, 56 LISBOA

IMPÉRIO

Agente em Vila Real de Santo António

RUA JACINTO JOSÉ D'ANDRADE, 19

TELEFONE N.º 85

SANCHES & BARROSO, L.^{DA}

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Proprietários e Exploradores do CINE-FOZ
Sub-Agentes depositários de Fibrocimento «NOVINCO»

Agentes depositários da Refinaria de Azeites SÓFAL
Correspondentes do BANCO LISBOA & AÇORES

AGENTES DE:
NAVIOS DE CARGA, BARCOS DE PESCA E ARMAÇÕES DE ATUM

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

CASA DOS CESTOS, L.^{DA}

AVENIDA DUQUE D'ÁVILA, 8-B (ao Arco do Cego)
TELEFONE 45833
LISBOA

Capachos e mantas para automóveis, Suportes e
alcofas para bebés, Carpetes, Tapetes, Passadeiras,
Capachos, Esteiras, Estores para janelas e de vime
«contra-moscas», Mobílias de verga «Ilha», Cadei-
ras de lona e de tábua, Chapéus de palha e
Cestos para todos os fins.

RELÓGIOS - RELÓGIOS

Hoje, amanhã e sempre

BOAS MARCAS E COM REPUTAÇÃO MUNDIAL

SÓ NA ANTIGA CASA

RAMOS & MATEUS

R. Teófilo Braga - Vila Real de Santo António

Veículos Automóveis

SCANIA VABIS — camião para cargas úteis
8.000 a 12.500 quilos

DE SOTO — camião para cargas úteis
de 3.000 a 8.000 quilos

Forgonetas e Automóveis das marcas

DE SOTO, RENAULT e SIMCA

Agentes no Sotavento do Algarve

Agência Comercial e Marítima do Sul

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

UNIÃO PREDIAL E COMERCIAL

Director: J. NEVES BALEIRAS

ANTIGO FUNCIONÁRIO SUPERIOR COLONIAL
(APOSENTADO)

A melhor organização no género

TODAS AS TRANSAÇÕES SOBRE PROPRIEDADES

Praça dos Restauradores, 53-5.º, D. — LISBOA
(ELEVADOR)
TELEFONE 32902

COMPRA, VENDE, HIPOTECA PROPRIEDADES,
COBRANÇAS DE RENDAS E TRESPASSES

C/C Banco Lisboa & Açores

Agentes correspondentes em todo o País, Brasil e Ultramar

NITRATO DO CHILE NATURAL

(NÃO CONFUNDIR COM O SINTÉTICO)

Aubos mistos, Cloreto de Potássio, Nitro-Amo-
niacal, Sulfato de Amónio e Superfosfatos

SULFATO DE COBRE E ENXOFRE C. U. F.

Aos menores preços e com grandes facilidades de pagamento:

Guerreiro, Cabrita & Guerreiro, L.^{da}

S. BARTOLOMEU DE MESSINES

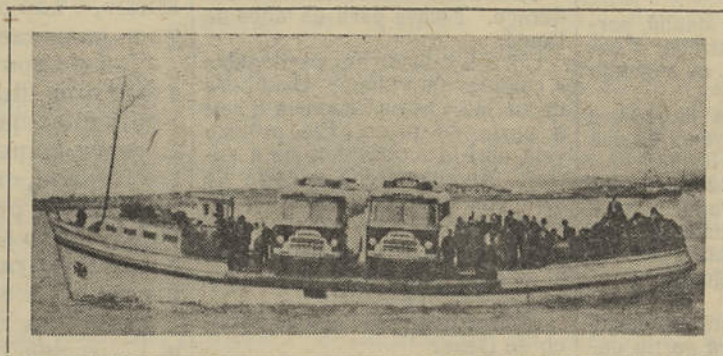
(CASA FUNDADA EM 1913)

Telefone: 5

Telegramas: GUERREIROS

Empresa de Transportes do Rio Guadiana, L.^{da}

TELEFONE 152



Serviços rápidos para todos os pontos do rio, reboques
e transportes de passageiros, automóveis e autocarros
entre esta vila e Almonte, e vice-versa

AVENIDA DA REPÚBLICA
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

José Rodrigues Lima Centeno

DESPACHANTE OFICIAL

Telefone n.º 167

Telegramas KELLERSHIP

AVENIDA DA REPÚBLICA, 71
Vila Real de Santo António

ABÍLIO DA SILVA BRAGA, Sucrs. Lda.

PAPEIS E ARTIGOS DE ESCRITÓRIO



ARMAZÉM DE PAPELARIA

Praça de Carlos Alberto, 27

Telef.: 26325

PORTO

Teleg.: PAPÉLABÊ

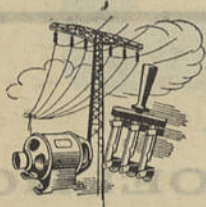
MANUEL DA SILVA PENA & IRMÃO

MADEIRAS - FERRAGENS - DROGAS - TINTAS
ESTALEIRO DE CONSTRUÇÃO NAVAL

= TELEFONE 147 =

Agente das acreditadas tintas **ROBBIALAC**
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Manuel da Silva Noy
Reparações Rádio-Eléctricas



Accesórios para
RÁDIOS E AUTOMÓVEIS
TELEFONE 118
Vila Real de Santo António

MERCEARIA E MARISQUEIRA
do **GUADIANA**

— DE —
Manuel Gomes Marcos

CASA DE PASTO
Mercearia e Vinhos

Rua da Princesa, 7
TELEFONE 148
Vila Real de Santo António

DOENÇAS DA PELE

só três dias
de tratamento com
PRODERMA

DEPOSITÁRIOS:
Drogaria Rodrigues
da Silva, L.^{da}
COIMBRA

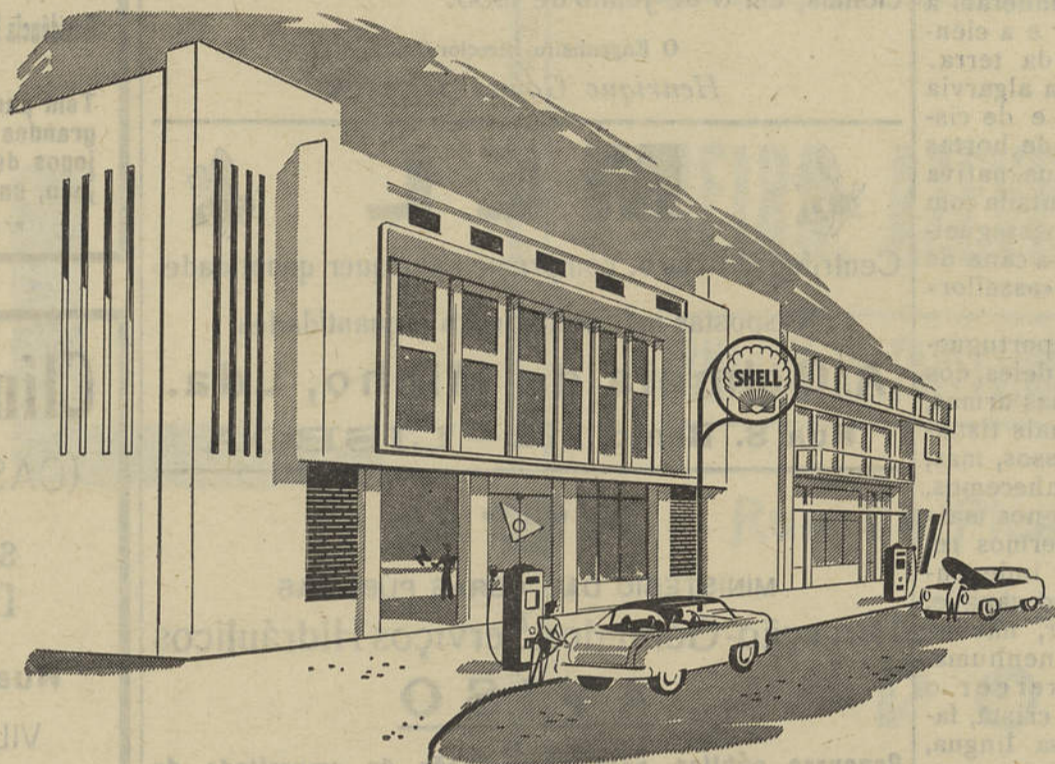
Telefone 86
Teleg. António Ruivinho
**ANTÓNIO DOS ANJOS
RUIVINHO**
Comissões, Consignações
e Conta Própria

ALCAPARRAS
para a indústria de conservas
ESPONJAS NATURAIS
para uso litográficos e
lavagem de automóveis
Vila Real de Santo António

PRODUTOS SHELL



CONCESSIONÁRIOS DA



FARAUTO *Limitada*

BATE CHAPA ESTACÃO DE SERVIÇO
MECÂNICA GERAL PINTURA
ESTOFADOR ELECTRICIDADE E
SECÇÃO DE PEÇAS LEGÍTIMAS
PARA AS MARCAS SUAS REPRESENTADAS

LARGO DO MERCADO / FARO
TELEFONES: OFICINA E PEÇAS 252 / STAND 767



SENHORES ARMADORES!

O seu barco precisa de ser reparado ou limpo?

NÃO HESITE

Entregue-o aos cuidados do construtor naval

ANTÓNIO PENA

Só no PLANO INCLINADO PENA, receberá todas as benefi-
ciações necessárias, com a máxima rapidez e economia
Avenida da República — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

José Celestino Afincão

Fábrica de Farinhas, Guanos e Óleos de Peixe

PROPRIETÁRIO DE SALINAS

Armazenista e distribuidor de
sal comum, moído e refinado

TELEFONE 207
APARTADO

OLHÃO

Portugal

Manuel Vieira da Cruz & Filhos, Limitada

CASA FUNDADA EM 1888
Sede: **PRAIA DO RIBATEJO**

Boas madeiras de construção — Tábuas, barrotes e
vigas — Caixotaria para embalagens

FÁBRICAS DE SERRAÇÃO EM:

**Praia do Ribatejo - Pombal - Mogofores
- Luso - Muge e S. Pedro do Sul**

Telefone: 3

Telegramas: VIEIRACRUZ

PRAIA DO RIBATEJO

FOGÕES, LANTERNAS de in-
candescência e de estábulo,
CANDEIROS MÁGICOS, etc.
a petróleo e todos os acessórios

RÁDIOS a pronto e a prestações

FOLHAS SECAS

Os mais variados modelos
das melhores qualidades
e aos melhores preços

Material e Artigos Eléctricos

A ARMILAR

Trav. Henrique Cardoso, 89-A

LISBOA

Envia-se encomendas
para a Província

Agência Peninsular

— DE —

VIRGENS E TURISMO

TELEFONE 216

Rua Conselheiro Bivar, 51 - FARO

Passagens Aéreas e Marítimas
para todos os Países da

Europa, África, Américas
do Norte, Sul e Central,
aos preços oficiais de todas
as Companhias

Obtenção de passaportes
e vistos Consulares

Informações gratuitas

Um nome a fixar...

**CAFÉ RESTAURANTE
JANELAS VERDES**

A casa das boas tapas
TELEFONE 206

— DE —

Luis Félix da Silva

Rua de Aveiro

Vila Real de Santo António

J. REIS SILVA,

Sucessores, Limitada

Fábrica de Conservas de Peixe

Av. Dr. Bernardino da Silva

TELEFONE, 41

OLHÃO

(PORTUGAL)

CASTRO MARIM

(CONCLUSÃO DA 9.ª PAGINA)

nhecer a história da nossa pátria e dos antepassados, em toda a sua grandeza, tem de se recorrer a nações estrangeiras, mesmo pouco amigas da nossa terra.

Os Visigodos nunca entraram em Portugal.

Os árabes, sim. Eles eram, sem nenhum favor, o povo mais culto e mais civilizado do mundo, quando aqui vieram. No seu trato com as diversas nações da Europa, A'frica, A'sia e Oceânia, aproveitaram tudo o que nelas havia de bom, e desprezaram o que não prestava.

Nas ciências e nas letras, foram os herdeiros e os continuadores dos Gregos. Na filosofia e na medicina, tiveram por mestre Avicena, (980-1037), depois de aqui estarem. Médico, filósofo e teólogo ao mesmo tempo, o árabe Avicena compôs mais de cem obras, e interpretou Aristóteles nos seus

últimos comentários alexandrinos; e na medicina, os seus ensinamentos adquiriram tão grande fama, que ainda eram estudados na Escola Médica de Montpellier, há duzentos e cinquenta anos, no tempo de Luís XIV.

Os alquimistas árabes foram, também, os precursores dos químicos modernos. Procurando a pedra filosofal para converter todos os metais ordinários em ouro, e o elixir que dá a longa vida e a perpetuidade da juventude, encontraram o alcool, vários ácidos e diversos sais.

No Egipto, aprenderam a arte de agricultar e a ciência da irrigação da terra. Por eles foi a terra algarvia crivada de noras e de cisternas e coberta de hortas e jardins; e a sua nativa vegetação acrescentada com o damasqueiro, o pessegueiro, a amendoeira, a cana de açúcar, o arroz, a «assafior» e o griséu.

A princípio, os portugueses tiveram medo deles, dos seus trajos, das suas armas, dos seus rostos mais tismados do que os nossos, mas, depois que os conhecemos, a sua presença foi-nos mais tolerada, até podermos recuperar a antiga independência, sem muito sangue. Para nos agradar, não se poupavam a coisa nenhuma. Deixavam-nos exercer o culto da religião cristã, fazer uso da nossa língua, costumes e leis, conservar as nossas autoridades, com excepção da máxima.

Os árabes, pois, e os romanos foram os únicos povos estrangeiros que viveram na Lusitânia, estes pela força, aqueles pela tolerância.

Nem a invasão já enraivecida dos Celtas, nem os Romanos, pela sua falta de número, nem os fenícios pela sua incomunicabilidade semítica, se misturaram com os lusitanos, conservando-se, como observaram Frederico Edwards e Deniker, a raça mais pura da Europa.

«O estado de pureza das famílias lusitanas é que as fez resistir a outras invasões, conservando caracteres próprios, cuidadosamente descritos por Strabão», escreveu Teófilo Braga na sua História da Literatura.

Por isso, já vê o sr. Manuel Francisco Prudêncio da Costa que a sua vila e o seu castelo só podem ser obra de Lusitanos, de Romanos, de Árabes e de Portugueses.

E por isso mesmo, com mais gosto recomendarei ainda a toda a gente que visitar Vila Real de Santo António, e a sua magnífica praia de Monte Gordo, se não esqueça de subir a Castro Marim e de admirar a paisagem que se disfruta do seu castelo.

Tenho pena de não poder dizer muito mais coisas, falar do museuzinho que o patriotismo, o amor pela sua terra, levou o sr. Manuel Francisco Prudêncio da Costa a organizar em 1947, mas o espaço é pouco e eu não devo abusar...

Sousa Nunes

A tiragem e a expansão de «Notícias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia dum útil e proveitosa publicidade.

S.  R.

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais
Direcção dos Serviços de Conservação

Concurso público para arrematação da empreitada de «Conservação na Capitania do Porto de Vila Real Sto. António»

Faz-se público que às 16 horas do dia 21 de Junho de 1955 se procederá, na sede desta Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, ao concurso público acima designado.

Base de licitação . . . 70.000\$00
Depósito provisório . . . 1.750\$00

O processo do concurso encontra-se patente na Direcção dos Serviços de Conservação em Lisboa e na Direcção dos Edifícios do Sul, em Évora.

Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, em 6 de Junho de 1955.

O Engenheiro Director-Geral

Henrique Gomes da Silva

**MEL**

Centrifugado claro, compramos qualquer quantidade.

Respostas indicando preço e quantidades

A Colmeia do Minho, Lda.
Rua S. Bento, 222 — LISBOA

S.  R.

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos

AVISO

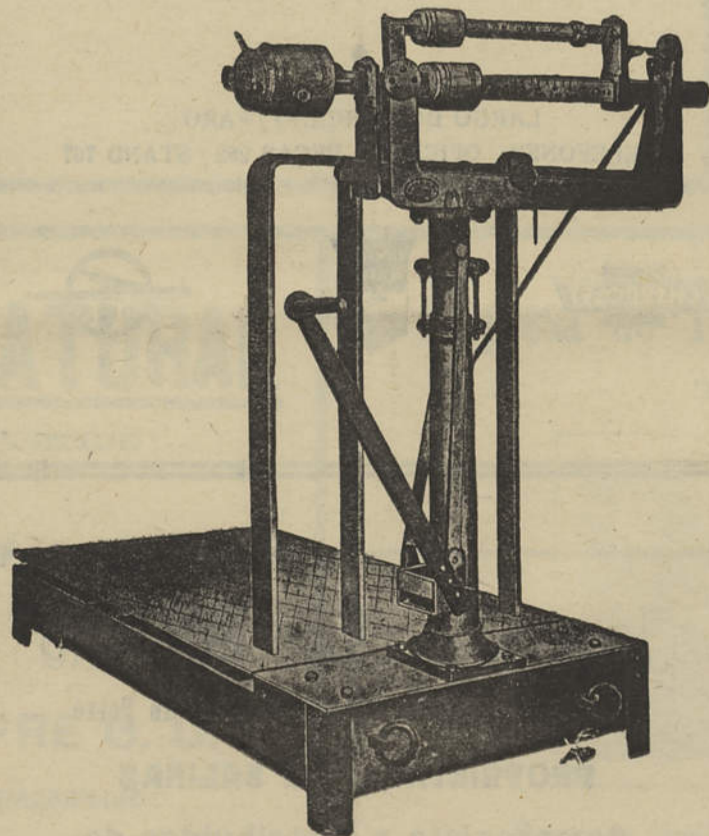
Concurso público para arrematação da empreitada de Construção da Doca de Pesca de Vila Real de Santo António

Faz-se público que por despacho ministerial de 24 do corrente, foi autorizada a substituição do depósito provisório referido no artigo 2.º do respectivo «Caderno de Encargos», por garantia bancária devidamente aceite por Sua Excelência o Ministro das Finanças.

Lisboa, Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, em 31 de Maio de 1955.

O Engenheiro Director Geral,
Manuel Rafael Amaro da Costa**Sociedade Metais, Balanças, Lda.**

T. do Banco de Portugal — «Bêco do Elrado»
Telefone 2745 — BRAGA



FÁBRICA CONSTRUTORA DE:

BÁSCULAS até 100 toneladas
BALANÇAS DECIMAIS E CENTESIMAIS
COFRES, FOGÕES, AUTO-MEDIDORAS para azeite e petróleo
FUNDAÇÃO DE METAIS
A maior organização portuguesa no género

estilográfica

PRAÇA DA BATALHA, 23 — R. SANTA CATARINA, 293

— PORTO —

VENDA E REPARAÇÃO DE CANETAS

A MELHOR OFICINA DA PENÍNSULA

Revendedora com todos os descontos das marcas MONTBLANC e PELIKAN

CONSULTE V. EX.ª A NOSSA CASA

PERFEIÇÃO E RAPIDEZ

**JOAQUIM COELHO**

NEGOCIANTE DE SUCATAS

Com armazém na Rua da Felra, 20-OLHÃO

Residência Rua Jacinto José d'Andrade, 86 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TELEFONES 119-155

Tem para vender em bom estado: um trém, dois fogões grandes a lenha, prensas, vigas de ferro, camas, dois jogos de embreagem novos e boa sucata de ferro forjado, uma bateria de 6 voltios boa. Também compra.

FACILITA-SE OS PAGAMENTOS

Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do
Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Centro Comercial de Combustíveis, L.ª

Sub-Agência da SACOR e GAZ-CIDLA

Avenida da República, 176-A Telefone 164

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Gasolina, Gasóleo centrifugado,
Óleos, Petróleo e Gaz-Cidla

Material próprio para Gaz-Cidla como:

Fogareiros portáteis . . . desde 100\$00
Palmatórias-fogareiro . . . » 130\$00
Fogareiros » 400\$00
Fogareiro-fogão » 550\$00
Fogões » 1.400\$00
Esquentadores » 2.250\$00
Acumuladores de água quente » 1.800\$00
Frigorífico » 5.000\$00
Caloríferos » 2.650\$00
Bicos e queimadores . desde 33\$00 e 95\$00

Quer cozinhar com rapidez, asseio e economia?
Preparar um banho rápido e económico?

Consoma GAZ-CIDLA

que actualmente é o combustível mais económico e asseado

Peça informações aos nossos consumidores

**FÁBRICA MECÂNICA DE FERRAGENS
"RODES"**

FUNDAÇÃO DE METAIS

RODRIGUES & SOARES, L.ª

RIOMEÃO — PORTUGAL

G.

L.

Tele } gramas: SULQUÍMICOS
 fones 21 e 124

Apartado 17

Empresa do Sul de Produtos Químicos, Limitada

ESPECIALIDADES FARMACEUTICAS E PERFUMARIAS

F A R O

DROGARIA

ARMAZÉM

R. Filipe Alistão, 8 a 14-A

R. Pinheiro Chagas, 22 a 26

VIEIRA, AZEVEDO & COMPANHIA

ARMAZÉM DE PAPELARIA E OBJECTOS DE ESCRITÓRIO

Rua da Picaria, N.º 56 a 58

Telefone 25222

P O R T O

Fábrica Luso-Holandesa de Redes, Lda.

Estrada da Circunvalação
MATOSINHOS—Portugal

Esmerado fabrico de todos os tipos de rede de pesca.

A MAIS MODERNA E MELHOR APETRECHADA FÁBRICA NO GÉNERO

Sede em LISBOA — Rua do Alecrim, 17

ADUBOS

SUPERFOSFATOS

15% e 18%

EM PÓ E GRANULADOS

Sulfato de Amónio

DO

AMONÍACO PORTUGUÊS e de "COBELAZ"

NITROCALCIAMON — «COBELAZ»

com 20,5% de azoto nítrico e amoniacal, contendo cal

CLORETO DE POTÁSSIO

C I A N A M I D A

ADUBOS QUÍMICOS MISTOS

S A P E C

GRANDES FABRICAS EM SETUBAL

DELEGAÇÃO DE LISBOA

DEPÓSITO EM FARO

Rua dos Fanqueiros, 121-1.º

Largo de Camões, 10

Telefones 24121 - 24122 - 24123

Telefone 253

Teleg.: SAPEC — LISBOA

F A R O

Monteiro Guimarães, Filho, Limitada

— 86-Rua José Falcão-96 — PORTO —

PAPÉIS - CARTÕES - CARTOLINA

Objectos de Escritório Nacionais e Estrangeiros

ARMAZÉM IMPORTADOR

Representantes exclusivos para Portugal e Império,
 dos Produtos de Toucador-Higiene e Beleza

LA TOJA A grande marca de categoria internacional

Drogaria Algarve

FERRAGENS • DROGAS • TINTAS

Agente da Fundação Mouquim, Lda.

Estanhos e Soldas (Mouquim)

Depositário da Cêa & Almeida, Lda.

Desperdícios de Algodão para limpezas

TELEFONE 121

Rua Dr. Miguel Bombarda, 97

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Viuva Vasques Azevedo, Martin Navarro & C.^a, L.^{da}

IMPORTAÇÃO — EXPORTAÇÃO

COMISSÕES — CONSIGNAÇÕES — REPRESENTAÇÕES

AGENTES DE NAVEGAÇÃO

Telefones | Escritório, 69
Residência, 98

Endereço Telegráfico
ODEVEZA

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ESTÁ CONCLUÍDO!

Dicionário Técnico Poliglota

POR M. DE MEDEIROS

Português - Espanhol - Francês - Italiano - Inglês - Alemão

O TRADUTOR EM SUA CASA
com 131.000 TERMOS e EXPRESSÕES em cada língua

30 DICIONÁRIOS BILINGUES

numa obra de consulta científica e profissional para
todos os especialistas e produtores do mundo.

8 volumes com 7756 páginas por 2.790\$00

pode recebê-lo adiantadamente por 100\$00 mensais

Gomes & Rodrigues, Lda.

Largo de D. Estefânia, 17 a 21 ♦ Rua das Picoas, 32 e 34

LISBOA

OURIVESARIA MIRANDA JUNIOR

Jóias - Ouro - Prata - Relógios

No seu próprio interesse consulte esta casa

Rua S. João de Brito, 69

Vila Real de Santo António

HAID & NEU ... HAID & NEU HAID & NEU

A máquina de costura de fama mundial

Se V. Ex.^a ainda não conhece HAID & NEU
escreva-nos um postal e iremos a vossa casa
com o nosso último modelo.

Aceitam-se agentes em todo o Algarve

APARTADO 70 — FARO — Telefone 739

Fábricas de Cerâmica, Gessos, Cal

ALMANCIL

TELEFONE N.º 3

Informa-se os Ex.^{mos} Clientes que estas fábricas,
estão a fabricar produtos de grande reputação no
mercado, que tanto tem merecido a preferência do
público. Estão na disposição de servir directamen-
te em camionete completa e pequenas quantidades,
por preços acessíveis em referência à sua alta quali-
dade como produtos cerâmicos, tijolos furados, bur-
ros isoladores, telha marselha tipo campo, etc..

Secção de Gesso e estafe é da melhor qualidade que
se fabrica, é preferido dos maiores consumidores.

Cal especial para esoolola e para construções.

Esperam a atenção do público para os seus pedidos.

ESTELA QUINTINO DE AVELLAR

MÉDICA - ESPECIALISTA

Doenças das Senhoras

Consultas diárias: às 11 e às 15

Abriu o seu consultório na

Rua Machado Santos, 31 — PORTIMÃO

Está triste?
A vida corre-lhe mal?

LEXA

«GARA ALEGRE»

Revista de BOM HUMOR
PUBLICA-SE NOS DIAS 4 E 15 DE CADA MÊS

Apenas por 4\$00, obterá boa
disposição por 15 dias.

VINHOS

Aguardentes e licoro-
sos 100 %. Antes de
comprarem, consultem
sempre o TREZE — Car-
taxo.

JOSÉ GASPAR CARREIRA, L.^{DA}

CASA FUNDADA EM 1896

ARMAZÉM DE

Papéis Nacionais e Estrangeiros

Papelão, Fio de Vela, Sisal e Algodão

— ARTIGOS ESCOLARES —

OFICINAS PRÓPRIAS DE

Pautação, Encadernação, Sobrescritos e SACOS DE PAPEL

End. Teleg.: PARCARREIRA

SEDE:

Praça da Figueira, 10, 1.º

Telefones { 27656
35292

ANTÓNIO CARLOS MARQUES TRINDADE

Despachante Oficial da Alfândega

NAVIOS E MERCADORIAS

TAVIRA

TRADUÇÕES E CORRESPONDÊNCIA

em Francês, Italiano, Espanhol,
Inglês e Alemão (Comercial ou
Técnica), executo em m/ casa,
em máquina nova própria, com
rapidez e discreção.

F. MORAIS RODRIGUES

Rua Miguel Bombarda, 30
Vila Real de Santo António

O «Notícias do Algarve»
vende-se em Olhão, na Livra-
ria Capela, Rua do Comércio.

TIPOGRAFIA MODELO

DE

VIRGÍLIO CORREIA MONTEIRO
TAVIRA

Confeção de todos os servi-
ços gráficos para o Comércio
e Indústria.

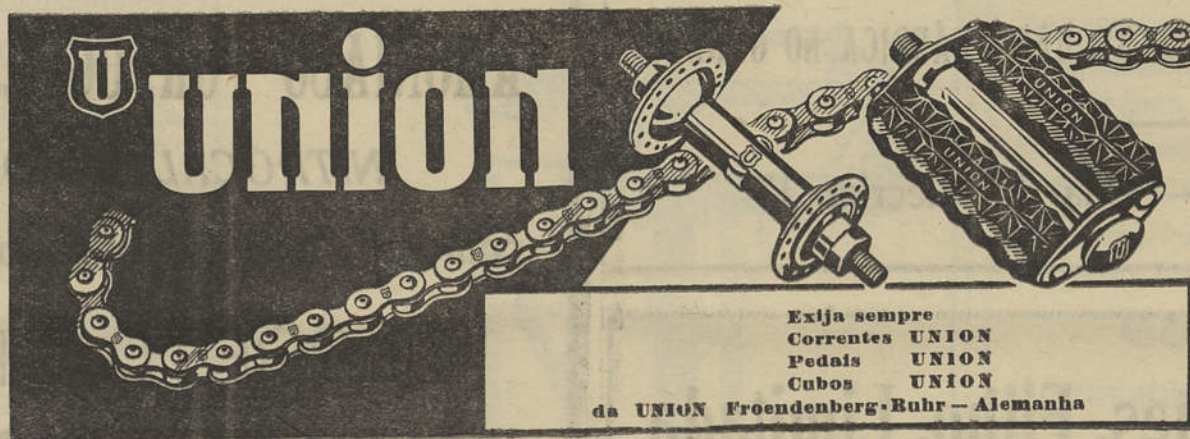
JORNAIS - RELATÓRIOS
ESTATUTOS - LIVROS

Carimbos em todos os géneros
e entregues com brevidade

No próprio interesse de V. Ex.^a,
deverá consultar sempre os preços
da TIPOGRAFIA MODELO

Papel Vegetal

Vende, aos melhores
preços, Clemente & Fi-
lhos, Lda., Telefone 92,
Vila Real de Santo An-
tónio.



Exija sempre
Correntes UNION
Pedais UNION
Cubos UNION

da UNION Froendenberg-Buhr — Alemanha

Agente Geral para Portugal e Colónias:

KARL LOY

R. Cedofeita, 103-1.º - PORTO

GRUPOS PARA BEBES

Desde Esc. 3.200\$00

Consulte a

Agência Comercial e
Marítima do Sul

TELEFONE 76

Vila Real de Santo António

José de Brito

AGENTE DE NAVEGAÇÃO

Serviço regular e rápido de
navios, para os portos do
Mediterrâneo, Norte da Euro-
pa e Estados Unidos

Artigos para as Indústrias
de Pesca e Conservas

Seguros - Trânsitos - Representações

TELEFONE 215

Telegramas SOUFAL

Avénida da República, 86

Vila Real de Santo António

ÓCULOS

para sol e vista cansada
e sob receita médica

Consulte a:

Agência Comercial
e Marítima do Sul

— Telefone 76 —

Vila Real de Santo António

O VERDADEIRO REGIONALISMO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

ceptibilidades, as crenças e as ideologias da outra restante parte. Esta justa medida só é possível de conseguir-se quando, entre a gama dos vários ideais, existe um, com mais força que todos os outros, indicando o caminho livre conducente ao objectivo em vista. No caso de agora, esse ideal pujante reduz-se, com toda a singularidade, a servir o Algarve, no seu turismo, nos seus interesses e no interesse da cultura do seu povo. E o povo parece tê-lo compreendido!

Muito embora a singularidade dos intuitos, eu, como leitor, penso que os resultados não podiam ser mais surpreendentes. Impossível andar mais depressa, no curto espaço de dois anos.

Não possuo procuração de ninguém para escrever o que estou escrevendo. Neste momento, falo como leitor e como algarvio. E nesta dupla qualidade, considero «Notícias do Algarve» o mais equilibrado e útil semanário da nossa província.

Sei perfeitamente que a afirmação é atrevida e muito susceptível de melindrar a imprensa algarvia. Porém, estou tranquilo, convicto da minha verdade, direi mesmo, convencido de que não será ainda desta vez que terei de dar o dito por não dito. De resto, limito-me a pôr desassombadamente a minha opinião, discutível, sem dúvida, mas difícil de ser refutada, por virtude das bases onde a assento.

Como leitor (não esquecer que nessa qualidade estou escrevendo), adoro todos os periódicos que não atraíam o fim para que foram criados. Deste modo, considero equilibrada uma «República» bem republicana, um «Diário da Manhã» bem situacionista, um «Debate» bastante monárquico. São jornais que nasceram para fazer doutrina, combatendo por princípios. A função deles consiste no levar o máximo de água a determinado moínho; atitude lógica quando saída de órgãos representativos de certas ideias, que nobremente se apresentam perante o público, sem máscara, confessando-se portadores duma ideologia.

Em rigor, um jornal político e regionalista é um contra-senso. E isto porque, no âmbito dum regionalismo perfeito, as convicções partidárias não contam. Todos são irmãos no enlevo à terra que lhes serviu de berço e no objectivo de a desenvolver e divulgar.

Em contrário deste princípio, o que vemos, com abundância, são uns jornaizinhos que, dizendo-se defensores dos interesses regionais, abusam da boa fé do público impingindo-lhe surrateiramente mau jornalismo todo pejado de elogios políticos que nada adiantam, nem mesmo aos elogiados.

Numa imagem um tanto tosca, poderemos talvez dividir os jornais, atendendo à matéria impressa e à legenda que usam no cabeçalho, em: neutros, quando alheando-se de questões políticas se dedicam apenas a servir o público e a região a que pertencem; e políticos, quando deliberadamente marcam uma directriz de combate, seguindo-a sem desvios.

À margem destes, temos ainda os periódicos de águas turvas, que são demasiado neutros para serem políticos e... demasiado políticos para serem neutros! Estes não servem a ninguém, porque não conseguem angariar adeptos para os amigos e são impotentes para causar moessa aos inimigos. O que eles conseguem é causar náuseas no público mais elucidado, portanto conhecedor da vida e das variadíssimas maneiras de a levar direita.

É muito difícil elaborar um esquema englobando todas as tendências do jornalismo português. Nós separamos os campeões de ideias dúbias (representados entre nós por todos os matizes) dos jornais de ideologia bem definida. Seguidamente, colocamos numa única divisão todos os outros que, em rigor, podem ser objecto de muitas subdivisões.

Se o leitor reparar bem, os neutros alimentam-se de assuntos regionalistas e de artigos de cultura geral. E conforme predominam aqueles ou estes, assim tere-

mos: neutros, que não servem para nada; que servem para alguma coisa; e que possuem utilidade.

Vejamos onde fundamento estes meus conceitos:

Um regionalismo útil é aquele susceptível de propagandear a região junto daqueles que a não conhecem. O jornal que serve para pedir melhoramentos, para divulgar as belezas da terra e os prodígios das suas indústrias é forçoso seja lido. E para este fim terá de lançar mão de artigos de interesse geral, sacrificando parte do seu espaço aos assuntos extra-regionalistas.

Os jornais que integralmente se ocupam com os ditos e mexericos do pé da porta são aqueles que menos servem os interesses da região. Isto é evidente como dois é dois, quatro. Não possuindo leitura que prenda o grande público, dificilmente poderão pregar e alcançar uma expansão suficiente para um bom feito propagandístico.

As folhas 100% regionalistas acontecem-lhes, depois de esgotados os principais temas de sensação local, caírem nas discussões estereis do soalheiro, acabando no arrastar duma existência agónica, para a qual é mil vezes preferível a morte!...

O mais curioso é que estas folhas agonizantes não pretendem reanimar-se!

Há perto de dois meses, um ilustre amigo e colaborador do «Notícias do Algarve», com quem troco correspondência, queixou-se-me deste facto, citando determinado trimensário que... recusou publicar-lhe os seus artigos!

Na resposta, consolei-o, lembrando-lhe que casos desses são o pão nosso de cada dia para quem escreve em jornais sem ambições, geralmente dirigidos por pessoa incapaz da posição que ocupa.

No princípio deste ano, pensei em consultar nos arquivos alguns velhos jornais, no intuito de extrair deles uns subsídios para o jornalismo e jornalistas do Algarve, trabalho sério, muito semelhante ao que estou escrevendo, sobre o teatro português, nas colunas de «Diário do Alentejo».

Pus, singelamente, este meu projecto a um semanário algarvio, pedindo-lhe espaço para, através duma série de artigos, ir publicando os elementos que fosse recolhendo. Pois o semanário a quem, num requinte de gentileza, fiz a oferta gratuita desses elementos inéditos e de interesse para o estudo da cultura da nossa província, nem sequer teve 3 linhas para me responder!!

E ainda há quem diga que toda a carta tem resposta?

Talvez por estas e outras, cada vez admiro mais a orientação seguida por «Notícias do Algarve», e não hesito em apresentar aqui as minhas homenagens ao sr. Dias Pena que, efectivamente, se tem mostrado à altura da sua difícil missão. Com estas palavras, tenho apenas por objectivo prestar-lhe justiça. E nem outra coisa seria de esperar da minha pena que... é livre como as aves e não faz fretes a ninguém.

J. Silva Carvalho

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia

UMA DATA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

como o fumo de uma tocha que corre, depressa adelgado, logo esvaído. São as datas que prendem, retêm esses sonhos; nelas ficam imóveis, em torno delas se condensam, por elas ganharam forma e duração.

Foi entrevendo esta verdade que Bossuet, numa grande imagem, comparou os dias felizes de uma existência a pregos de ouro cravados numa parede escura. Esses pregos eram as datas, onde a lembrança dos acontecimentos venturosos, que se iam dissipar na Eternidade, ficava presa, imóvel, resplandecendo, como pontos de ouro. Mas os maus momentos são da mesma essência e vão pelo mesmo caminho dos bons. E que vantagem tiramos de reter uns e outros, vivendo na ponta de uma data e dela dardejarem periodicamente o seu dardo e não se desfaçam na vacuidade do tempo? A vantagem de permanecerem — pois é só lembrando a lição colhida dos êxitos e dos insucessos que qualquer ideia, por muito generosa que seja, se corrige, se liberta e se aperfeiçoa — para melhor servir.

ARTISTAS DE CINEMA E REALIZADORES

Hóspedes da nossa Vila

Têm sido hóspedes da nossa vila a famosa estrela do cinema espanhol, Paquita Rico, o popular actor cómico do teatro e do cinema, Valeriano León, o director Ramón Torrado, a actriz Josefina Serradosa, e outras destacadas personalidades do cinema, que durante alguns dias permaneceram em Almonte, para filmar os exteriores da película «Maria Veleta», que se desenrola na vizinha cidade espanhola.

O filme «Maria Veleta» é da casa produtora «Linesol e Daurro Film», dirigido por Ramón Torrado, com argumento de Tejedor, Elorrieta e Sebares.

Val a Lisboa?
Vá hospedar-se na
PENSÃO TORREJANA
Rua dos Douroadores, 222, 3.ª
LISBOA — Telef. 27853
Frente à Praça da Figueira

Diárias e dormidas — Excelente conforto e esmerado serviço de mesa variedade de comida acessível a todos os paladares
Recebem-se excursões

ÁGUAS MINERO-MEDICINAIS DO VIMEIRO
Hipossalinas Cloro-Bicarbonatadas Mistas
De grande eficácia no tratamento das doenças do Fígado, Rins, Bexiga e aparelho digestivo

Termas em Macelra — Torres Vedras, com bom hotel, piscina e balneário
Vendem-se em todo o País, natural em garrações e gasificada em garrafas

Pedidos ao Agente em Vila Real de Santo António
CLEMENTE & FILHOS, L.ª
TELEFONE 92

Pensão - Restaurante
Costa d'Oiro
LAGOS

Sociedade Comercial Airi, Lda.
RUA TEÓFILO BRAGA
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

FAZENDAS - MIUDEZAS
A Casa que mais barato vende

A TERRA-MÃE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

tência crucificados nessa espécie de cruz construída por suas mãos, não sabem abalar, ou não podem libertar-se desse martírio, embora uma boa oportunidade lhes bata à porta. E até mesmo dos que emigram para países estranhos e conseguem fortuna que lhe tolhe os passos, poucos são os que não voltam, um dia, a matar saudades das terras onde amaram e sofreram. Não creio que este apego saudoso ao torrão natal seja uma feição especial dos portugueses, pois até nos povos africanos o encontro, e bem me lembro de ter lido que a «saudade» era o tema favorito das canções que os negros cantavam nas fazendas do Brasil e da América do Norte, arrastando as grilhetas da escravidão.

De mim, sei que sempre me voltei afectuoso para a terra onde nasci, procurando, em cada vez, um novo encanto nas paisagens do Algarve, e que a toada algarvia chega como agradável canção aos meus ouvidos. Esse gosto pela terra-mãe mais se radica em mim nesta hora do entardecer da vida, quando a bruma da velhice se derrama em redor, e procuro esquecer desgostos, canseiras, injustiças e ilusões, e já não posso ver alguns rostos amigos que partiram para a «grande viagem», que também espero iniciar em breve...

Possivelmente, alguns espíritos mais positivos poderão achar antiquada, e até ridícula, esta confissão sentimental dum homem que corre, à desfilada, no caminho dos setenta anos. Mas não estou disposto a mudar de opiniões e nada me impressionam os preconceitos modernos que parecem simular desdém pelos temas sentimentais.

Muito intencionalmente trouxe este tema da «terra-mãe» para as colunas do «Notícias do Algarve», no segundo aniversário da sua fundação, como homenagem à imprensa regional, pela constância e devoção com que os jornais provincianos defendem as suas terras, exaltando-as, sustentando tradições e reclamando melhoramentos progressivos, mantendo a chama dum culto regional que bem revela o amor merecido pelas suas terras, e que não é sómente abstracção sentimental, porque também resulta da maior utilidade nas tantas e proveitosas sugestões em favor do seu engrandecimento e do bem-estar moral e

material das respectivas populações.

Dar à nossa terra tudo o que podemos e servir a colectividade com alegria e entusiasmo — eis um programa que a imprensa regional tem cumprido como tem sido possível e onde, ainda, tem larga margem de iniciativas para executar, não lhe faltando motivos para multiplicar a sua acção criadora porque constantemente surgirão novas e belas causas a defender.

Nesse culto regional, que pode ser intensificado, tem a imprensa provinciana encontrado, e continuará a encontrar, a melhor finalidade — sem ter de se privar da crítica construtiva, do debate sereno de ideias e, sobretudo, da educação e cultura popular, um dever cívico, dos mais elevados, que sempre deve ser cumprido, lealmente, junto do povo, sem o adular.

Conheço, de perto, as aspirações e os serviços prestados pela imprensa regional e os sacrifícios que faz para se manter e resistir. Nesses jornais dei os meus primeiros passos, e alguns fundei e ajudei a fundar. Embora na imprensa diária faça a minha vida profissional — procurando ganhar o pão, como sucede em outras profissões — tive sempre a maior simpatia pela imprensa regional.

É com essa simpatia que saúdo o «Notícias do Algarve», vendo nele um jornal que ama e serve a sua terra e região.

Juliano Quintinha

COBRANÇA DE ASSINATURAS

Informamos os nossos prezados assinantes de que estão à cobrança os recibos referentes à 11.ª série, n.º 101 a 110 do nosso jornal, pelo que antecipadamente agradecemos o seu bom acolhimento.

A falta de pagamento ao cobrador ou nas estações postais, dentro do respectivo prazo, implica a devolução dos recibos e convém esclarecer que um recibo mandado de novo à cobrança, fica-nos por 3\$80, o que representa muitas dificuldades, que a Pequena Imprensa não suporta. Contamos, por isso, com o bom acolhimento de todos.

CONGRESSO EUCARÍSTICO INTERNACIONAL

DO RIO DE JANEIRO

PARTIRÁ de Lisboa, no próximo dia 5 de Julho, a bordo do paquete «Santa Maria», a fim de assistir ao Congresso Eucarístico Internacional que se realiza no Rio de Janeiro, o nosso prezado amigo e ilustre conterrâneo, rev. dr. Sezinando de Oliveira Rosa, secretário geral da Acção Católica Portuguesa.

Nesta peregrinação em que figurarão mais de quatrocentos católicos portugueses, tomam parte, além do sr. cardeal-patriarca de Lisboa, mais cinco prelados portugueses, e, entre eles, o arcebispo eleito de Évora, D. Manuel da Trindade Salgueiro, presidente da Junta Central da A. C. P., e que o nosso conterrâneo, Rev. Sezinando Rosa, acompanha.

A peregrinação, em que figuram antigos ministros, deputados, altos funcionários do Estado, etc., regressará a Lisboa em 5 de Agosto, também no «Santa Maria».

TRIBUNAL JUDICIAL Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

O Doutor Francisco Nunes Correia, Meritíssimo Juiz de Direito da comarca de Vila Real de Santo António.

Faz saber que pelo Juízo de Direito desta comarca, nos autos de inventário entre maiores a que se procede por óbito de Tomás Barão, Mariana Pulquéria e Sebastião Barão, que foram moradores em Martinlongo, desta comarca, são por este modo citados os credores José Domingos de Sousa & Aleixo, de Almancil—Loulé e União de Mercarias do Algarve, Limitada, também de Loulé, para os termos daquele processo.

Vila Real de Santo António, 3 de Junho de 1955.

O Juiz de Direito,

a) Francisco Nunes Correia

O Chefe da Secção,

a) António Figueiras da Cruz



MONTEPIO GERAL

para distribuir subvenções aos seus pensionistas, realiza pela sua

Caixa Económica

as seguintes operações:

EMPRÉSTIMOS HIPOTECÁRIOS S/ PRÉDIOS RÚSTICOS E URBANOS

EMPRÉSTIMOS S/ TÍTULOS DE CRÉDITO

EMPRÉSTIMOS S/ METAIS E PEDRAS PRECIOSAS

Sede em Lisboa — Rua Aurea, 219 a 241

Filial no Porto — Av. dos Aliados, 90

AGÊNCIAS EM COIMBRA, ÉVORA E FARO

Formosas ou feias, por toda a parte as mulheres dão volta ao miolo do homem. Se Helena, em vez de ser a beldade de que reza a história (ou lenda), fosse a fealdade em pessoa, teria arido Tróia, à mesma.

Não está provado que seja menor o número de distúrbios nos países das feias que nos países das belas. O erotismo tem razões que a razão desconhece.

OPPORTET HAERESES ESSE

Quanto maior é um espírito, menos representativo é do seu tempo. Geralmente, só os medíocres se sintonizam com a sua época — outras tantas Marias que vão com as outras... Um grande espírito é quase sempre antecipado representante de um futuro ainda distante. Na ortodoxia corrente e oficial, costuma ser um heterodoxo, sempre na contingência de os poderes constituídos lhe deitarem a mão, para generosamente o porem à sombra...

E, no entanto, como dizia o Apóstolo, oportet haereses esse. Importa ser hereje, como quem diz indivíduo que tem opinião própria, mesmo quando essa opinião vai contra a da maioria.

CONFRARIA DA VERDADE

Se nos metermos na confraria da verdade, importa que digamos esta integralmente, claramente, redondamente, sem rebuços, sem reservas, sem enigmas, embora sobre nós caia o céu, ainda que debaixo de nossos pés a terra se afunde.

«Se nos metermos...», disseram nós. Mas ninguém se mete. É confraria que só tem tabuleta. O que não tem é frades. Todos mentimos — uns tanto como uma unha, outros assim assim, outros mais do que permite a força humana. Mas todos mentimos. Esperamos que nos atire com a primeira pedra quem não mente.

O LADRÃO MALCRIADO

O abade de Molières tinha a palácio do estudo. Deste, neste, e para este vivia. Em nada mais pensava. Criado não tinha. Ele próprio cozinhava para si. E, de inverno, para não acender o lume, metta-se na cama, que era lugar quente...

Ora, estava o nosso abade metido na cama, entregue aos seus estudos cartesianos (Descartes era o seu tema e a sua... teima), quando alguém lhe bateu à porta.

— Quem é? Abra e entre — disse o abade.

E quando mal se precator, tinha na sua presença um larão de profissão, que lhe pediu dinheiro.

— Dinheiro? Você precisa de dinheiro? — perguntou o bom do abade, pacherientemente.

— Preciso, sim senhor.

— Então abra aí essa gaveta. Tire o que lá houver, e não desarrume os papéis.

Encontrando-se servido, pernas para que vos quero! Baldadamente o abade pediu ao gatu que fechasse a porta. A porta ficou escancarada, e foi resmungando que o abade se levantou, do quentinho, a fealdade, chamando malcriado ao atrevido.

Voltando à cama, para se absorver, de novo, no seu Descartes, o nosso homem nem pensou que, nesse dia, ficava sem vintém para pagar o jantar.

Coisas dessas já hoje não poderiam acontecer.

SOCIEDADE AGRÍCOLA FORNECEDORA DE LEITE, L. DA

Rua Cândido dos Reis, 97 e 99
Rua de Aveiro, 28, 30 e 32
Vila Real de Santo António

O estabelecimento encontra-se aberto desde as 7 horas da manhã até à 1 hora da noite, para o fornecimento de leite e várias especialidades do ramo de leitaria.

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

O GRUPO DE «OS NOVOS»

(CONCLUSÃO DA 2.ª PAGINA)

Centeno não concordou. Eu amuei, rasguei a prosa e a gazeta teria vindo sem artigo de fundo, se o Manuel Domingues, já secretário da redacção, presente à disputa, não se prontificasse a redigir o fundo — e fê-lo primorosamente. Foi pena que não tivesse continuado a cultivar as suas aptidões para as letras, para o que tinha muito jeito. Mas vendendo bem como correm os tempos, talvez seja injusto censurá-lo pelo mutismo comodista a que se remeteu. De todos, fui eu o único que me deixei envolver na teia do jornalismo. E asfixiado nas suas malhas espero morrer. Cada um tem que cumprir o seu fado!

Em dada altura, entusiasmado com suspostos êxitos, tão suspostos que apenas existiam na minha ingénua imaginação, aspirei a vãos mais largos. Julguei-me apto a profissionalizar o meu amorismo, e resolvi abalar para Lisboa tentar esta dura mas, apesar de tudo, aliciante profissão. Dei conta aos meus bons com-



No sótão desta modesta casa da Rua dr. António de Passos, funcionou a redacção e administração de «Os Novos» durante todo o período da sua existência

panheiros de «Os Novos» do projecto, e creio que o que mais sentiu os inconvenientes para o Grupo da minha resolução foi o João Centeno. Estava desanimado, porque ele sabia bem que eu era a alma da nossa modesta folha. Para meu substituto estava naturalmente indicado quem dera já boas provas de aptidão literária, de sensato equilíbrio e de interesse pela gazeta — o Manuel Domingues. É assim foi. No n.º 45 de «Os Novos», do ano de 1925, aparece ele como director, e ao expor-se à crítica dos leitores, teve estas referências a meu respeito, ditadas pela amizade sólida que desde crianças nos agridiu: «José Barão, querido amigo da infância... quer que eu continue a sua obra, valiosa obra que a todos mereceu louvores, que pugne pelos interesses de Vila Real, sua terra natal, que tão sinceramente ama...»

E «Os Novos», apesar da baixa sofrida no Grupo, continuou a sua vida de modesto semanário, simpático e prestável, bem orientado pelo seu novo director. Com grande surpresa minha, já então absorvido pelo profissionalismo na capital, verifiquei que o n.º 57 já não trazia à cabeça o nome de Manuel Domingues. Apareciam apenas os dois da primeira hora — João Centeno e Manuel Álvares, e como secretário da redacção o tavirense e meu velho amigo Joaquim António Correia Júnior, escrivão da capitania do porto. A mudança desgostou-me e tomei-a como de mau agouro para o futuro do periódico. E efectivamente, nove números depois, em 1 de Junho de 1924, a gazeta suspendia a publicação, para dar lugar imediatamente ao «Notícias do Sul», dirigido por António Nascimento, com o concurso de João Centeno e Manuel Álvares, do Grupo de «Os Novos». O jovem semanário, muito melhor apresentado e redigido que o seu antecessor, durou três meses. Mas ficara no Grupo, já meio desmantelado, o amor ao jornalismo, o desejo de bem servir, embora apagadamente, uma das mais nobres artes que o homem pode cultivar. E meses depois, nasceu o neto de «Os Novos» — «A Nossa Terra», talvez o melhor semanário que até hoje saiu de prelos algarvios. Dirigia-o um homem de talento, José Temudo, funcionário de Finanças, natural de Silves, e figuravam, como redactor principal, eu, que vivia em Lisboa, Manuel da Silva Domingues, como chefe da redacção e José Alves Mestre, como secretário. E com o desaparecimento desta gazeta, que ainda se publicou durante muito tempo, quebrou-se o elo que ligava o Grupo de «Os Novos».

Ponto de banda o meu modesto

O SENTIDO DO ULTRAMAR

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

cultura terá de ser assim feita ao embalo das ondas. Berço e barca se confundem.

Como já escrevi em 1944, em trabalho editado pelo «Colégio Militar», em quatro grandes períodos ou fases poderemos considerar demarcada a vida espiritual — e consequentemente política — da Nação, para integralmente abrangermos a marcha evolutiva da ideia do Império nas principais manifestações da nossa cultura.

De facto, constitui fase bem característica a que vai desde a velada de armas de Zamora (1125), em que o jovem príncipe Afonso Henriques a si próprio se arma cavaleiro, como costumavam então fazer os reis para não ficarem devendo obediência senão a Deus, até à consolidação definitiva da independência nacional pelas vitórias de Aljubarrota e Valverde sobre Castela.

Entre a conquista de Ceuta (1415) e a formação do Império do Oriente — verdadeiro zenite da curva ascensional do nosso movimento expansionista, tanto nos domínios do espiritual como do económico, — desenvolve-se e consolida-se segunda fase.

Alonga-se depois a terceira fase, numa curva de sentido imperial mais ou menos degenerescente, entre a perda da independência (1580), cujo resgate, 60 anos após, imprimirá novo alento à formação do Brasil, e o delineamento dos primeiros caboucos de um novo Império — o Africano —, uma vez reconhecida, em 1825, a independência brasileira.

Precisa-se, finalmente, a quarta fase, na vasta obra reconstrutiva do Estado Novo, em que a ideia da unidade política da Nação regressa à pureza dos seus moldes tradicionais, através de diplomas que constituem verdadeiros padrões de civilização, como o Estatuto Político, Civil e Criminal dos Indígenas, o Acto Colonial, a Carta Orgânica do Império e outros.

À primeira das quatro grandes fases que ficam demarcadas correspondem, como facilmente se concebe, os primeiros passos da nossa literatura. A língua pátria, que em 1188 apenas ensaia ainda os seus vãos, na arte de trovar trazida pelos cantores guerreiros, que da Provença vêm oferecer os seus serviços à corte portuguesa, para a luta contra os mouros, será já, no entanto, por fins do século XIII, um dos mais afirmativos instrumentos da vitalidade da nossa cultura.

Está hoje compendiada, como se sabe, a actividade literária portuguesa desta época, nos Cancioneiros da Ajuda, da Vaticana e da Biblioteca Nacional (antigo Brancuti); na prosa anónima dos cronicões, tão pacientemente reunidos por Herculano nos *Portugaliae Monumenta Historica*, e nas traduções da Bíblia, obras de piedade, fábulas, etc., feitas pelos frades dos conventos de Alcobaca, Santa Cruz de Coimbra e S. Vicente de Lisboa, algumas ainda inéditas.

D. Diniz será o primeiro grande defensor e propugnador da pureza da língua pátria. E embora a sábia romanista dr.ª Carolina Micaélis de Vasconcelos se não exima de atribuir à sua corte um fulgor trovadoresco que é já

mas nem por isso menos entusiástico contribuído, temos que reconhecer que o Grupo Redactorial «Os Novos» marcou uma época no jornalismo da nossa província. A gazeta inicial padecia das infidelidades e das ignorâncias inerentes a moços a quem não escasseavam tesouros de entusiasmo e de generosidade, mas a quem faltava — e ainda bem! — a experiência crua, que se adquire com os anos e que nos custa, na edificação da nossa vida, o desmoronar dos nossos grandes sonhos de beleza e de bondade!

Muitos anos já se passaram, nas nossas cabeças começou a depositar-se a poeira argentea do tempo, da experiência e da desilusão. Estamos quase no limiar desse descalabro físico e intelectual que se chama a velhice. Mas como, felizmente, ainda todos somos vivos, e ainda, apesar dos anos, das canseiras e do afastamento, subsiste o espírito moço e entusiástico do Grupo Redactorial «Os Novos», ainda, repito, havemos de um dia voltar a editar «Os Novos», que mais não seja um número, para termos a ilusão de revivermos os tempos da nossa mocidade — dos nossos sonhos, dos nossos amores e da amizade que a todos uniu e só a morte terá o poder de aniquilar.

José Barão

entardecer, comparado com o da corte de seu pai, D. Afonso III, e sobretudo com o da corte de Afonso-o-Sábio, de Castela, não se pode esquecer que será também no reinado do Rei-Trovador que o sentido imperial da Nação ganha o primeiro decisivo impulso, através da sementeira do Pinnhal de Leiria — «voz da terra ansiando pelo mar», no simbólico dizer de um dos nossos mais cultos e emotivos poetas modernistas.

Não são raras, entanto, as *paralelisticas* e outros géneros trovadorescos do ciclo afonsoino em que já poderemos encontrar índices bem reveladores das nossas inclinações marítimas. Dirá, por exemplo, Pai Gomes Charinho, um dos trovadores mais ilustres do referido ciclo, na cantiga 251 do *Cancioneiro da Ajuda*:

«Quantos oj' andan eno mar aqui
coidan que coita no mundo n'ou
se non do mar, nen an outro
mal id;
mais d'outra guisa conteç' oj'
ta mi;
coita d'amor me faz escacer
a muy gran coita do mar...»

Referindo-se a umas embarcações mandadas construir por Afonso III nas praias de Lisboa e das ditas praias mandadas lançar ao mar, cantarà, por sua vez, Joam Zorro, trovador-jogral do mesmo ciclo, no *paralelistica* 754 do *Cancioneiro da Vaticana*, pondo a seguinte fala na boca do monarca:

«En Lixboa, sobre lo mar
barquas novas mandey labrar,
ay, mha senhor velida;

En Lixboa, sobre lo ler,
barquas novas mandey fazer,
ay, mha senhor velida;

Barquas novas mandey labrar
e no mar as mandey deytar,
ay, mha senhor velida;

Barquas novas mandey fazer
e no mar as mandey meter,
ay, mha senhor velida.»

E já de notar nestas composições a existência, como elementos de formação da língua pátria, de apenas duas palavras diferentes das que hoje teríamos de empregar para exprimir os mesmos pensamentos: — é a primeira o termo «velida», que se traduz por «linda», «formosa», e a que o sábio filólogo dr. José Joaquim Nunes deu como base latina, na sua «Crestomatia Arcaica», o adjectivo «bellitu», e é a segunda o enigmático «ler», que deve traduzir-se por «praia» ou «beira-mar», mas de que os filólogos, ao que parece, não encontraram ainda a origem.

Com os historiadores Fernão Lopes e Zurara, primeiro; depois, com Gil Vicente, Barros e Sá de Miranda, entramos na fase mais caracteristicamente afirmativa do sentido não só económico mas também espiritual da nossa expansão ultramarina.

E a época em que brilham os Clenardos e os Vaseus, os Buchanans, os Elias Viretos, os Gruchios, os Fabricios, que vêm de fora, atraídos pela corte de Portugal — poder-se-á recordar, com um severíssimo crítico da história.

Na verdade, consolidada a independência nacional pelos triunfos de Nun'Alvares Pereira sobre Castela, que em breve, pelo tratado de Ayton (1411) decidirá entrar em acordos de Paz e Aliança Perpétua com a coroa portuguesa; reforçada já então a Aliança Inglesa, pelo Tratado de Windsor de 1386 — eco natural dos laços de família que passaram a prender os troncos dos dois países após o casamento de D. Filipa de Lencastre com o Mestre de Avis, — e não esquecida até a particular circunstância de haver o Mestre ascendido ao Poder não apenas por um formal imperativo da nobreza do nascimento, mas pelo mais eloquente de todos os imperativos — o da vontade da Nação —; ante todo este conjunto de especiais coincidências, que integralmente se projectarão, em breve, na alma dos inclitos infantinhos, não podia deixar de abrir-se a Portugal a rota dos mais surpreendentes destinos.

Quantos mares, até então não sulcados, havia por desbravar; quantos continentes ou ilhas desertas por conhecer e povoar; quantas raças ignaras ou descrentes por submeter à fé de Cristo ou subjugar, — tudo a nossa extravasante visão de Império desde logo abrangeria, portanto.

Sonho demasiado para o pequeno povo que então éramos? É possível que para os disludidos do poder da Fé tudo mais não fosse, realmente, do que a obsidiante loucura de um povo

polarizada na alma de um Príncipe. É possível que para a animalidade fria dos torvos egoísmos, tudo não fosse mais além de simples irrequietude...

Mas, sonho ou loucura, jamais tal reptó às próprias forças negativas do País poderá deixar de ser bendito, porquanto, empreendida em 1415 a conquista de Ceuta, já em 1516 Garcia de Resende descrevera no prefácio do seu *Cancioneiro Geral*: — «Muito alto e muito poderoso príncipe nosso Senhor: — Porque a natural condição dos portugueses é nunca escreverem coisas que façam, sendo dignas de grande memória, muitos e mui grandes feitos de guerra, paz e virtudes de ciência, manhas e gentileza, são esquecidos. Que, se os escritores se quissem ocupar a verdadeiramente escrever nos feitos de Roma, Tróia, e todas as antigas crónicas e histórias, não achariam mores façanhas, nem mais notáveis feitos, que os que dos nossos naturais se podiam escrever, assim dos tempos passados como de agora.»

É de no aço destas realidades que se caldeiam as estrofes imortais de *Os Lusíadas*.

Noite densa se estende sobre o sentido do ultramar na evolução da nossa cultura, com a perda da independência nacional, em 1580, após a trágica jornada de Alcácer Quibir.

Incuria, lassidão de costumes, mutilações do património ultramarino e uma longa série de tratados ruinosos, serão o triste preço do resgate, em 1640.

Porém, nem tudo se subverte. Ao Império do Oriente, onde nos ficam padrões de alicerces incorrosíveis à baba das traições, succederá, nos horizontes da nossa política de expansão, o vasto Império do Brasil, como a este sucederá, após o reconhecimento da sua emancipação, em 1825, o verdadeiro sentido da valorização lusitana do Portugal Africano.

Outro não é, aliás, o ritmo dos ideais que em 1875 norteiam o grupo de devotados patriotas fundadores da *Sociedade de Geografia de Lisboa*, ao pedirem o favor real para o êxito de tal iniciativa, escrevendo: — «Os requerentes, Senhor, julgam cumprir simplesmente um dever para com a Ciência — esta grande luz que a todos nos alumia e alenta — e para com a Pátria — esta mãe que estremeçamos todos — procurando agremiar os esforços e realizar as aspirações de inúmeros estudiosos; ligar o nosso paiz ao convívio científico do mundo civilizado por mais este laço sympathico de tão necessário e tão interessante cultivo das sciencias geographicas; e finalmente avocar a luz e a justiça da Critica moderna para o grandioso e infelizmente esquecido, calumniado ou mutilado trabalho com que a Nação Portuguesa, pelos seus velhos cosmographos e navegadores, ha contribuido para a Civilização geral e para a vasta e completa Sciencia da Terra.»

Não desmentem os resultados da nossa actual política de valorização ultramarina os sentimentos de defesa e expansão de cultura assim tão claramente expressos.

Bem-vindo será, pois, o momento, já oficialmente escolhido, em que na Ponta de Sagres — pedra de ara do templo das nossas meditações lusitadas — definitivamente se erguerá, como reflexo vibrante da alma do Infante D. Henrique, o facto inapagável que há-de reavivar, na consciência do Mundo Culto, os deveres do respeito e da gratidão a que Portugal tem jus pela sua obra de pioneiro da civilização e criador de Novos Mundos.

Lisboa, Junho de 1955.
Mateus Moreno

UM EXAME DE PILOTO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

to; prelados coadjutor da nossa diocese D. Francisco Rendeiro e de Huelva dr. Don Pedro Cantero Cuadrado; comandantes Henriques de Brito e José Justiniano do Nascimento, capitães dos portos, respectivamente, de Vila Real de Santo António e de Olhão; engenheiros Rosado Pereira, director da J. A. P. S. A. e Paula, dos Serviços Hidráulicos; cónsules de Espanha em Faro e de Portugal em Aiamonte; rev. Galhardo Palmeira, pároco da nossa freguesia; Moutinho e Fernandes, respectivamente, chefe e subchefe do posto da P. I. D. E., etc. Os convidados viajavam na «Azevia» e o exame do novo piloto, que obteve alta classificação, realizou-se na «Espadilha». O júri era constituído pelos srs. capitão do porto; 1.º tenente Cunha Freitas, comandante da vedeta; José Pereira de Oliveira e Domingos Bento, respectivamente, piloto-mor e sota-piloto.

As vedetas largaram do cais comercial pouco depois das 14 horas, e subiram até ao Pomarão, voltando ao porto cerca das 21 horas.

Todos se confessaram encantados com a beleza do nosso rio.

A autoridade consular espanhola de Vila Real de Santo António não estava representada, em consequência de até agora, com manifesto prejuizo para os interesses dos dois países e até da boa harmonia entre as populações fronteiriças, não ter sido nomeado cónsul de Espanha na nossa terra. No entanto, à porta do edificio do consulado continuam afixados o escudo do Estado Espanhol e uma tabuleta informando as horas do funcionamento dos serviços...

CONTAS DO MEU ROSÁRIO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

mo que lhe podes conceder. Não lho recuses, portanto, sob nenhum pretexto, ainda que te chamem tola e criança, algumas vezes.

Os sonhos embalam, mas não nos adormecem. Representam um refugio, mas nunca um processo de realização sólido e coerente.

Exaustos pelo trabalho, fatigados pelas preocupações quotidianas, fartos da vida, do mundo e de nós próprios... Que se levante aquele que ainda não sentiu este enorme cansaço.

Sim, eu queria dizer-lhe uma coisa... Sabe?... Não se deixe cair na vulgaridade. Não faça isto ou aquilo apenas porque viu fazer. Procure realizar a sua missão neste mundo, aquela que Deus lhe destinou e que, na verdade, só poderá ser executada por si. Fuja do que é falso e não afirme, senão depois de ter sobejamente demonstrado, que possui Personalidade.

A ingenuidade das crianças nunca deve ser considerada como um motivo de riso ou de escárnio, mas sim como uma bênção que, a espaços, Deus derrama sobre nós para nos dar, numa visão momentânea, uma noção clara do Divino e do Belo.

36.º Aniversário do Glória Futebol Clube

COMEMORANDO o 36.º aniversário da sua fundação, o Glória Futebol Clube realiza hoje, no seu Salão de Festas, pelas 22 horas, um grandioso baile abrilhantado pelo magnifico conjunto musical «Os Pancas».

No Bar ou na Esplanada...
Convide os seus amigos com
Simoranja
Que os deixará deliciados pelo seu intenso aroma e sabor natural de Laranja
SIMORANJA o refrigerante das ÉLITES
É um produto SIMON